



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

VANDERSON DE SOUZA

**ASPECTOS AUTOBIOGRÁFICOS E REGIONAIS NA LITERATURA DE LINO
VILLACHÁ**

Campo Grande/MS
2019

VANDERSON DE SOUZA

**ASPECTOS AUTOBIOGRÁFICOS E REGIONAIS NA LITERATURA DE LINO
VILLACHÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Historiografia Literária

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire.

S719a Souza, Vanderson de

Aspectos autobiográficos e regionais de Lino Villachá/
Vanderson de Souza. – Campo Grande, MS: UEMS, 2018.
106 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Ramona Nolasco dos S.

Freire.

1. Villachá, Lino – literatura 2. Literatura 3. Regionalismo
4. Autobiografia I. Freire, Zélia Ramona Nolasco dos S. II.
Título

CDD 23. ed. - 869

VANDERSON DE SOUZA

**ASPECTOS AUTOBIOGRÁFICOS E REGIONAIS NA LITERATURA DE LINO
VILLACHÁ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Historiografia Literária

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zélia Ramona Nolasco dos Santos
Freire (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^ª. Dr^ª. Lucilene Machado Garcia Arf
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias Araújo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Maria de Oliveira Giacon (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 10 de agosto de 2019.

Dedico este trabalho a minha irmã Ana Paula de Souza (*in memoriam*), por ser uma das pessoas que mais me incentivou a continuar em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus elevo os meus pensamentos com grande voz de alegria para agradecer por me dar forças e sabedoria para concluir esta jornada.

À minha orientadora prof^a Dr^a. Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire, uma pessoa maravilhosa e um oceano de paciência e sabedoria, iluminada por Deus e por também não desistir desse trabalho de orientação.

À minha esposa Marussa e aos meus filhos: Ana Paula e Murilo, por saber entender e me apoiar antes e durante essa minha jornada.

Aos familiares, amigos e colegas, os quais sabem que são testemunhas do meu labor e são pessoas que estiveram diretamente e indiretamente me ajudando com suas orações e palavras de otimismo para que eu concluísse com êxito mais esta etapa.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, aos Técnicos de Assuntos Educacionais e Administrativos por sempre estarem à disposição com muito zelo.

Aos professores do Programa do Mestrado em Letras, que apesar das adversidades, com dedicação, repassam o conhecimento adquirido com muito profissionalismo.

Às professoras, Susylene Dias Araújo e Eliane Maria de Oliveira Giacon, Lucilene Machado Garcia Arf, pelas tão notórias contribuições na banca de qualificação.

“Lutar para ser vida para os outros

É o que dá sentido à vida”

Lino Villachá (1991).

De SOUZA, V.; **Aspectos autobiográficos e regionais na literatura de Lino Villachá**. 105 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a poética na literatura do escritor Lino Villachá (1938-1994), o “Poeta da Esperança”. Sua produção poética é constituída por crônicas, poesias e poemas reunidos em cinco livros publicados no período de 1976 a 1995. Outrossim, o autor não considera as suas obras literárias e sim versos livres, porque não há regras fixas. Todavia, sua produção literária demonstra 40 anos de dedicação aos imigrantes, brasileiros e aos companheiros da mesma dor, que passaram maior parte de suas vidas no Hospital São Julião, em Campo Grande/MS. É importante destacar que o *lócus* de enunciação de Lino Villachá em sua maioria concentra-se no bairro São Francisco e no Hospital São Julião e é em torno desse espaço que o escritor cria toda sua obra poética. O autor encontrou na natureza, uma grande aliada, cercado de cerrados e matas, esse regionalismo rico pela fauna e a flora foram um dos principais motivos para as suas inspirações poéticas. Portanto, o poeta não se prendeu aos limites geográficos, estendendo além das fronteiras de sua região, alcançando povos de diferentes países. Villachá, em sua escrita memorialista permeia fatos e devaneios, compostas por imagens e lembranças, que se alocam entre passado e futuro dentro de um aspecto autobiográfico. Segundo Cândido (2000): a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio específico de comunicação e criação social. Sendo assim, Lino Villachá soube de forma simples e objetiva apropriar-se da linguagem para escrever cartas, crônicas, poemas e poesias. Todavia, uma literatura que comunicasse não só a dor, o sofrimento e a solidão, mas a fé, o amor e principalmente a esperança, a todos que tivessem contato com a sua literatura.

Palavras-chave: Lino Villachá, Literatura, Regionalismo e Autobiografia.

DE SOUZA, V.; **Aspectos autobiográficos e regionais na literatura de Lino Villachá**. 104 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ABSTRACT

This research aimed to analyze a poetics in the literature of the writer Lino Villachá (1938-1994), the "Poet of Hope". His poetic production is released by chronicles, poems and poems gathered in ancient books from 1976 to 1995. Moreover, the author does not consider his literary works but frees pounds, because there are no fixed rules. However, his literary production shows 40 years of dedication to immigrants, Brazilians and peers of the same person, who is most of their lives at São Julião Hospital in Campo Grande / MS. It is important to highlight Lino Villaché's locus of enunciation, mostly concentrated in the São Francisco neighborhood and São Julião Hospital, and it is towards the space that his entire poetic work creates it. The author in nature, a great ally, surrounded by scrubland and woods, this regionalism rich in fauna and flora were one of the main reasons for his poetic inspirations. Therefore, the poet does not meet the geographical limits, being beyond the borders of his region, reaching the peoples of different countries. Villachá, in his memorialist writing permeates facts and daydreams, composed of images and memories, which are allocated between past and future within an autobiographical aspect. According to Cândido (2000): a literature played by the role of a social institution, which uses language as a specific means of communication and social creation. Thus, Lino Villaché is a simple and objective way of appropriating language to write letters, chronicles, poems and poems. However, a communicating literature is not dream and loneliness, but faith, love, and especially hope, all who have had contact with their literature.

Keywords: Lino Villachá, Literature, Regionalism and Autobiography.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I	
O escritor Lino Villachá e a sua biografia	15
1.1 Sobre o autor	18
1.2 Sobre a produção literária do escritor	24
CAPÍTULO II	
A presença do regionalismo na obra de Lino	29
2.1 Regionalismo em Mato Grosso do Sul	34
2.2 Memorialismo e autobiografia na poética do escritor	38
2.3 Literatura e a Sociedade	49
CAPÍTULO III	
Os principais temas representados na poética do escritor: a religiosidade, a hanseníase, o sofrimento, a natureza, entre outros.	54
3.1 As Correspondências do escritor como ensaio poético.....	60
3.2 O eu lírico de Lino Villachá.....	67
3.3 As crônicas de Lino Villachá.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	89

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

Theodore Roosevelt

O texto acima citado descreve bem as ações, que me guiaram na conquista do Mestrado em Letras. Graduado em Letras em 2008 pela Uniderp, sou professor da rede estadual de educação. Ocasionalmente, em 2010 tive o privilégio de fazer parte da equipe de técnico pedagógico da Secretaria da Educação do Estado de Mato Grosso de Sul.

Constantemente, pensava em dar sequência em meus estudos vislumbrando a Pós-Graduação, finalmente a oportunidade se concretizou através de um convite para participar de uma aula da disciplina literatura e sociedade como aluno especial, sendo indagado pelo professor regente sobre o que gostaríamos de pesquisar, logo disse que gostaria de estudar sobre Lino Villachá o “poeta da esperança”. Realizei um breve relato sobre a história de vida do escritor e a sua relação com a literatura. Então, o professor disse que seria um ótimo objeto de pesquisa e seguindo o seu conselho obtive êxito de cursar, como aluno regular, o Programa de Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Partindo do pressuposto acima, a presente pesquisa será de cunho teórico autobiográficos com a finalidade de analisar a poética do escritor Lino Villachá (1938 - 1994), assim como as representações sociais encontradas em suas obras com o intuito de demonstrar os pontos fortes da produção poética do escritor e como a literatura pode auxiliá-lo a vencer as intempéries de sua vida.

Segundo Antoine Compagnon, (2012, p.25) “quando começamos a ler uma narrativa ou um poema corremos o risco de nos tornar diferentes do que éramos

antes dessa leitura”. A literatura nos transforma e mostra um outro lado daquilo que já conhecemos tal transformação pode-se perceber na vida de Lino Villachá, por este ter contraído hanseníase quando ainda criança e, devido à falta de recursos, ter sido confinado em uma colônia para o tratamento.

Sua permanência neste ambiente, o fez buscar na literatura, a esperança e o refrigério para a sua alma. Nos seus seis livros publicados, a natureza é um dos assuntos que permeiam as suas produções literárias. O autor apresenta uma poética de dor, sofrimento e segregação, por um lado, mas por outro se encontra amor, a religiosidade e a beleza; porém a principal vertente com a qual nos deparamos é a esperança, por isso, é considerado como o “poeta da esperança” pelos que o rodeavam.

Lino Villachá foi um autodidata com um profundo interesse no sentido da vida humana e sua fonte de conhecimento foi a literatura. Visava levar refrigério aos que ali chegavam em busca da cura para aquela enfermidade. E, é nesse contexto inóspito e isolado que o escritor produz sua obra.

Embora demonstrasse domínio da arte de escrever, não considerava os seus textos como literatura e sim como textos livres. Ao longo de sua vida escreveu cinco livros, com os seguintes títulos: “*Aos meus Amigos*” (1976), “*Luzes do meu caminho*” (1979), “*Uma janela para os pássaros*” (1986), “*Minhas flores de flamboyant*” (1991), “*Conversando com Deus e os amigos*” (1994).

Suas obras foram organizadas por Nely Barbosa Macedo e Ir. Sílvia Vecellio (2009) em formato de coletânea na qual reunia a maioria de suas crônicas e poesias, intitulada: “*Lino Para Sempre*” (2009) e outro volume por Antonio Lopes Lins: “*A Dor, O Amor, e a Vida na Poesia de Lino Villachá*” (1977) todas essas não apresentam de cunho acadêmico.

A presente dissertação está distribuída em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a importância da literatura de Lino Villachá e a sua produção literária na sociedade campo-grandense, da hanseníase à doença que marcou e interferiu na vida do escritor. Demonstrar-se-á o quanto a biografia do autor teve uma função social contribuindo para a transformação da vida, tanto do poeta quanto daqueles que conviviam com o mesmo no Hospital São Julião.

No segundo capítulo, analisa-se a presença do regionalismo nas obras de Lino e destaca sua importância para a literatura do Estado de Mato Grosso do Sul, bem como se evidencia a presença de autobiografia em sua poética.

O terceiro capítulo ressalta os principais temas que estão presentes na poética do escritor Lino Villachá, tais como a religiosidade, a natureza, a hanseníase, o sofrimento de um modo geral, bem como a presença do lirismo na poesia do autor, que é demonstrado por meio de uma linguagem simples, permeada de subjetividade, com voltas ao passado. Nas crônicas, o poeta relata experiências vivenciadas por ele e por todos que viveram no Hospital São Julião. Nas considerações finais, demonstramos os resultados que conseguimos elucidar no decorrer das atividades de pesquisa, durante esses dois anos no Programa.

Nas considerações finais, apresentamos os resultados obtidos nesta pesquisa, por meio da leitura e levantamento da produção biográfica do autor Lino Villachá. A biografia que o escritor, deixou nos apresenta como a literatura fez a contestação na existência do autor, das pessoas e naquela coletividade. Ainda que, o poeta Villachá não ponderava as suas obras, como literárias e sim como escritos livres, existe em todas as suas produções subsídios que podem ser consideradas sim uma literatura, evidenciando assim, o porquê, o escritor foi considerado como “poeta da esperança”.

CAPÍTULO I

O ESCRITOR LINO VILLACHÁ E A SUA BIOGRAFIA

“Escrevo nas horas de lazer, nos dias livres ou nos momentos “roubados” ao expediente. Considero as horas do entardecer como as melhores para meditar e criar. Acho as mais poéticas do dia. Para escrever, prendo entre os dedos que me restam uma caneta ou um lápis com o qual bato à máquina.”

(LINO VILLACHÁ, 1986, p.119)

A literatura tem muitos papéis, podemos citar: informar, anunciar, esclarecer, provocar e fomentar, porém, queremos abordar um desses papéis que é o de lembrar. Essa função que a literatura possui de não deixar se perder algo ao longo do tempo e de evitar o esquecimento, faz com que as experiências de vida sejam registradas pela escrita.

Segundo (EAGLETON, 2006, p.3), “[...] a literatura é uma forma “especial” de linguagem, em contraste com a linguagem “comum””. Em que há composições de textos escritos por autores que têm uma preocupação especial com a sua construção, com a escolha das palavras e maneiras de combiná-las. Assim, pode-se afirmar que os textos literários são textos carregados de sentidos, sendo então, uma representação ou recriação da realidade. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.

Nos textos literários as palavras indicam ou sugerem outros sentidos, além do seu sentido habitual. Ainda, conforme (EAGLETON, 2006, p.3), “[...] a Literatura pode ser tanto uma questão que as pessoas fazem com a escrita e com daquilo que a escrita faz com as pessoas”. A literatura inspira muitas vezes em personagens, objetos e acontecimentos do cotidiano, podendo resultar também de impressões e sentimentos da pessoa que escreve uma forma de expressão individual que se realiza por meio das palavras.

Lino Villachá deixou cinco obras produzidas no Hospital São Julião, o seu primeiro livro intitulado “*Aos meus Amigos*” publicado em 1976 e teve três edições em italiano com o título “Amare é vivere”. Neste livro, o autor mostra a sua fase intimista, em uma linguagem simplória e emotiva com prevalência, volumosa de reflexões e preces.

Seu segundo livro, retrata o sofrimento e a dura realidade vivida pelos hansenianos, enfocados de forma emotiva na maioria das mensagens inseridas na obra publicada em 1979, que tem por título “*Luzes do meu caminho*”.

“*Uma janela para os pássaros*”, é o título do terceiro livro publicado em 1986, a contundente trajetória de vida de Lino relatada por importantes depoimentos e testemunhos reveladores. Por meio crônicas urbanas, a obra mostra o resgate histórico de Campo Grande.

Em seu quarto livro Lino Villachá buscou inspiração sob a influência da natureza, circundante do São Julião. O autor registra preces e reflexões no livro “*Minhas flores de flamboyant*”, que é dedicado à sua companheira Zena Maria e a todos os que sofrem e necessitam de apoio e fé, sendo esta obra publicada em 1991.

No último e quinto livro, com um título bem sugestivo “*Conversando com Deus e os amigos*”, uma publicação póstuma do autor. O livro revela inúmeras reflexões, que antecederam a sua morte no ano de 1994. Além de preces significativas, a obra mostra uma constante volta ao passado enfatizada na palavra infância inserida nos títulos dos testemunhos.

Sobre as obras de Lino Villachá encontramos somente essas publicações: “*Lino Para Sempre*”, (2009), uma coletânea de crônicas e poesias, organizada por Ir. Sílvia Vecellio e Nelly Barbosa Macedo e o livro Intitulado “*A Dor, O Amor, e a Vida na Poesia de Lino Villachá*”, (1977), sistematizado pelo Antonio Lopes Lins na época, assessor do Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso.

Em fevereiro de 1981, o redator chefe da revista *Grande Sinal*, de Petrópolis – RJ, o Frei Neylor Tonin, publica na 8ª edição, uma entrevista com Lino e menciona que leu dois do seus livros, relata que são gritos de dor e de esperança, são pensamentos tristes e fortes, se por um lado chora, mas por outro, sempre pronto a

empenhar a vida, o seu mundo, um valor profundo que o anima em situações que são recorrentes nas poesias de Lino Villachá.

A acadêmica da antiga FUCMAT, Adelaide dos Anjos elaborou e apresentou de forma oral, um trabalho sobre a obra de Lino Villachá. Já a professora Ohara Maria Santos realizou uma minuciosa entrevista com o poeta, durante os estudos de pós-graduação em Presidente Prudente, porém não conseguimos contactá-la para saber mais sobre a pesquisa e publicação.

Conforme a citação a seguir, o professor Hildebrando Campestrini, na época coordenador da revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no dia quinze de dezembro de 2004, faz essa publicação, destacando as obras de Villachá:

O escritor sul-mato-grossense homenageado neste número é Lino Villachá, falecido em 1995, que deixou obras de refinado lirismo, principalmente na sublimação da dor, do sofrimento (era portador de hanseníase desde os doze anos), consciente de que tinha uma luz superior para iluminar muitos caminhos, como escreveu: “De repente dou-me conta de que sou dono de um poder importante e valioso. Algo imperecível a que nem mesmo uma cadeira de rodas constitui empecilho. Nem um leito. Nem surdez ou cegueira. Imobilidade ou rigidez. Abro clareiras. Acendo trevas. Atravesso a Morte. Renasço para a vida.” (CAMPESTRINI, 2004, p.13).

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, depois de dez anos de sua morte faz essa publicação. Logo, não encontramos mais nenhum artigo, pesquisa, trabalho ou publicação sobre o escritor. Assim, ficando atualmente aberto o caminho para futuras pesquisas. Porém, existe de cunho acadêmico, a dissertação de Mestrado em Letras, com o título “A Poética De Lino Villachá: As Interfaces Temáticas (2017)”, da mestranda Janaina Nunes Roque, da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul – UEMS.

1.1 Sobre o autor

Segundo dados biográficos de Lino Villachá, exposto em seu livro *“Uma janela para os pássaros”* publicado em 1986, relata que era filho de José Maria Antonio Villachá, um argentino e Ana Eudochiac, uma russa nascida na Bassarávia região próxima à Romênia. Já seu pai que era filho de espanhóis da Galícia procedentes da “Vila Chã” de onde viera o seu sobrenome, as famílias dos pais de Lino eram todas imigrantes, todos vieram para o Brasil atrás de novas oportunidades.

Nasceu Lino Villachá em 15 de agosto de 1938, na chácara do seu pai, em Terenos, Município de Mato Grosso do Sul, na colônia Velha, à beira do riacho Piraputanga. Agora, na obra *Flores de Flamboyant* (1991), na crônica intitulada *Recordações de Infância*, o escritor faz um relato sobre a sua avó materna Manuela:

Vovó Manuela era espanhola. Gostava de nos contar lindas histórias lá de sua terra. Às vezes, quando se recordava de sua vida e de seus familiares, chorava; outras vezes, se estava alegre, cantarolava umas músicas e dançava; (vovô foi um dos primeiros sitiantes da Colônia Velha e sua filha Edwirges com o marido Eduardo Perez – meus tios e padrinhos – um dos primeiros moradores de Terenos-MS. Eles foram maravilhosos para com a nossa família nos ajudaram muito, quando a doença chegou lá em casa. (VILLACHÁ, 1991, p.76).

Pela sua avó materna, Manuela, Lino tinha um enorme afeto, uma forte ligação e imensa admiração, a ela dedicou estima e gratidão através de suas obras. Uma família humilde e pobre de seis irmãos, sendo cinco homens e uma mulher, dos quais Lino era o mais velho e eles moravam no bairro São Francisco em uma casa de tábuas, conforme este seu relato:

Minha família viveu uma dúzia de anos no São Francisco de 1946 a 1958. Nosso casebre de tábuas fica na beira da linha do trem, não muito longe do Córrego Segredo, também chamado do Cascudo por causa dos peixes desse nome, muito comum em suas águas, naquela época. (VILLACHÁ, 1986, p.120).

Devido à grande pobreza naquela época, minavam-se as defesas naturais do organismo da família, como dormiam em duplas na cama, um irmão de cada dupla tornou-se portador de hanseníase. Seu pai foi lavrador, chofer de caminhão e

proprietário de um pequeno hotel, próximo da estação rodoviária, localizada na avenida Calógeras, em Campo Grande.

Tanto o pai quanto a mãe contraíram a doença, e tiveram que ser internados no São Julião. Seu pai faleceu em 1966 e sua mãe em 1974. Seu irmão Antonio foi o primeiro a falecer também em 1974, já seu irmão João faleceu em 1993; os outros três irmãos não contraíram a doença. No dia 09 de agosto de 1994, Lino vem a falecer, esses membros da família morreram no hospital São Julião em virtude da doença hanseníase.

Com doze anos de idade, Lino Villachá foi internado no hospital São Julião e escreveu um poema tendo com título: “*Quem sou eu?*”, que está no seu primeiro livro intitulado *Aos meus amigos* (1976). É possível destacar a autobiografia presente neste poema. As autobiografias são textos que representam “uma comunicação com a pessoa a quem se dirige o relato” (LEJEUNE, 1998a, p. 16), conversação que é acompanhada pelo próprio autor do texto. A “recorrência obstinada de certo tipo de discurso dirigido ao leitor”. (LEJEUNE, 2008, p. 72). Ainda, “chamamos de autobiografia o relato retrospectivo em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando coloca em destaque sua vida individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1998a, p. 10).

O poema em cotejo confirma o que o pesquisador francês Phillippe Lejeune diz. Lino Villachá inicia o seu poema. Na segunda linha da primeira estrofe, a partir de um retrospectivo da sua vida, da sua inocência, das brincadeiras e atitudes de menino em seguida retoma a fase adulta, comentando a sua situação de estar em uma cadeira de roda, devido à perda de uma das pernas, como podemos ver fragmento abaixo do referido poema.

Quem sou eu?
Um menino que aos doze anos ficou doente.
E foi internado num leprosário em estado avançado,
Nem sabia da gravidade do seu mal:
foi até uma felicidade poder brincar com outros meninos
caçando, pescando, brincando de Tarzan no córrego Botas...

Vinte e cinco anos depois,
em sucessivas cirurgias,
perdera os pés, as mãos se paralisaram,
uma perna amputada...
A impossibilidade de poder usar perna mecânica

e uma cadeira de rodas, que passou a ser suas pernas.
Mas sempre encontrou uma maneira
de sentir-se útil aos outros e
sobretudo porque ama e é amado,
é imensa e entusiasticamente feliz. (VILLACHÁ, 1976, p.8).

No segundo fragmento do poema abaixo, nos deparamos com subjetividade e sentimentalismo de versos livres e brancos. Lino faz um relato sobre ele, quando foi acometido pela doença, o que ela lhe causou e compara-se a um galho que foi quebrado e ao cair ao lado do tronco da árvore renasce novamente.

Toda essa comparação leva-nos a perceber que o poeta foi tirado da sociedade por causa de uma enfermidade, mas que reviveu mesmo com as consequências que a doença lhe causou. Villachá complementa dizendo é preciso que a semente, que é a fé em Deus, que dá flor e entusiasmo, seja espalhada por todos os campos da vida como semente de capim e finaliza afirmando que as folhas mortas de tristeza e dor, devem ser colocadas aos seus pés com lágrimas.

Quem sou eu então?
Um galho decepado pela tempestade
que rebrotou no pé do tronco
para estar na primavera ...

Quem seria eu?
Quem seria se eu tivesse as pernas,
Se tivesse as mãos,
Se fosse perfeito,
Se não precisasse me arrastar pelo chão?
Eu seria o outro, que precisaria urgentemente saber
Que um galho arrancado pode brotar ao pé do tronco outra vez, ainda a tempo...

Quem sou eu?
Um galho, todos os galhos arrancados
que renasceram ao pé do tronco
ainda a tempo da primavera...

Es aqui minha flor...
por isso é preciso que a semente deste entusiasmo voe,
que a semente desta fé em Deus
(que trago presa nas mãos em garra)
Seja levada pelo vento, pelos pássaros,
voando como semente de capim
e brote em todos os campos para dar vida a nossas vidas.

É preciso que
o sorriso que agora sorrio
vá adiante sorrindo...
e que a dor e a tristeza

sejam folhas mortas
prostradas a meus pés...
como lágrimas.
(VILLACHÁ, 1976, p.8 e 9).

Ao chegar no hospital, Lino tinha a terceira série do Ensino Fundamental, porém quando adulto terminou o supletivo, tornando-se docente leigo. Sendo ele autodidata, aprofundou-se em gramática, metrificacão, estilística, escolas literárias, estudou inglês, espanhol e francês com ajuda de sua professora Ir. Sílvia Vecellio. Em 1967, foi encaminhado para São Paulo, devido à persistência da doença e na enfermaria do hospital de Pirapitingui conhece Maria, foi através deste relacionamento que Lino compôs seus primeiros versos, isso, já, em Campo Grande/MS.

“*Canção do meu caminho*” era como Lino se referia a Maria, que faleceu em 1975 no Hospital São Julião, devido à fragilidade causada pela doença. Lino casou-se com Zena Maria Corrêa da Costa em novembro de 1988 e permaneceu com ele nos últimos seis anos de vida, com sua dedicação exclusiva como esposa, enfermeira em todas as circunstâncias. Lino considerava e amava por demais esta esposa dedicada e para o escritor a vida significava amor, sua vocação maior.

Segundo Macedo (1977), em quatro de julho com fortes dores foi removido para a Santa Casa de Campo Grande a procura de melhores recursos. Porém, cinco dias depois às 23 horas e quarenta e cinco minutos de 09 de julho de 1994 Lino Villachá faleceu e às 11 horas da manhã de 11 de julho, foi sepultado conforme sua vontade e registro.

Gostaria que repousasse o pouco que restou de meus andrajos humanos debaixo de uma árvore do São Julião, talvez um coqueiro, bem perto de suas raízes, para que eu receba por suas folhas o frêmito de felicidades das folhas ao vento e o cheiro do amanhecer. (VILLACHÁ, 1995, p.4).

Lino encarou o seu sofrimento como uma missão: levando paz, alegria, amor e principalmente esperança, a todos que com ele conviveu. Realmente merecedor da dedicatória abaixo que a Ir. Sílvia Vecellio fez na coletânea de crônicas e poesias de “*Lino para Sempre*” (2009) da professora e amiga Nelly Barbosa Macedo.

Lino
Não tinha as pernas,
Amputadas devido à doença.
Não tinha as mãos.
Ia pelo chão arrastando-se
e desenvolveu um mal perfurante palmar –
para escrever usava um lápis amarrado ao pulso.
Não tinha ruínas,
que não funcionava, devido à sulfona.
tinha um dreno permanente na barriga
e fazia diálise peritoneal a casa seis horas.
Era completamente surdo,
devido aos antibióticos que tomou
pelas peritonites que o atacaram,
e quase cego.
No entanto, se achava
Integro.
Ir. Sílvia Vecellio
(MACEDO, 2009, p.5)

A primeira vez que o escritor teve contato com freira Ir. Sílvia relatou, em seu livro *“Luzes no meu caminho”* (1979) e comentou:

Então aquela mulher franzina e alta começou a carrear recursos. E começou trazendo da Itália seus amigos dentre os quais um grupo de jovens italianos, imbuídos de amor ao próximo e muita disposição para o trabalho: Operação Mato Grosso. (VILLACHÁ, 1979, p.107).

Encontramos relatos em outro dois dos livros do escritor sobre a Ir Sílvia, na obra intitulada *“Minhas flores de flamboyant” de (1991)*, na ocasião do seu aniversário, Lino escreve um poema para sua amiga, parabenizando-a, como podemos observar nesse trecho do poema:

Ela traz consigo algo de arrojo e de singeleza
das flores montanhosas de Auronzo,
que teimam em florir bem no alto,

sem lugares quase inacessíveis,
sem buscar pretensões,
sem querer aparecer.

[...].

E hoje, Irmã Silvia completa mais um ano de vida.

Dessa vida de se doar aos outros, que ora acabo de escrever,
com estes últimos quatro anos dedicados

Inteiramente a nós – que aqui agora viemos lhe trazer.

Os nossos parabéns e rezar para que

Deus sempre a abençoe Agradecendo por tê-la enviado. (VILLACHÁ, 1991, p.103).

Outra referência a Ir. Silvia é no livro intitulado “*Uma janela para os pássaros*” de 1986, quando Lino relata um momento de conversa na entrada do escritório da amiga. Isso fica claro no fragmento abaixo escrito pelo autor.

Falávamos, ontem, à porta de seu escritório, das tristes coisas existentes lá fora, quando agora a OMG inicia o fornecimento de refeições aos pobres do Albergue Noturno de Campo Grande. Estas são, aliás, tristezas um tanto diferentes das desde “nosso mundo”, onde elas, mais que fome, são dramas, lágrimas escondidas e desgosto profundo de ser leproso, menor que os maiores de todo mundo, que a senhora e nossos amigos querem tirar, mas que o próprio mundo, encardiu e entranhou, sabemos lá porque e até quando. (VILLACHÁ, 1986, p.48).

Esses relatos e outros que encontramos, evidenciam como o poeta era bem relacionado com todos no Hospital São Julião. No texto abaixo temos mais uma confirmação, da pessoa de Lino Villachá.

Lino, grande amigo:

Um amigo para nós

É alguém que nos trata de igual para igual,

Sem nos pôr reparos e sem rejeição,

É alguém, em suma

com quem nos sentimos à vontade.

[...]. É por isso que

A gente tem o que dizer:

Bendito seja o dia que você nasceu! (VILLACHÁ, 1991, p. 87).

Na citação acima, vemos como as pessoas eram tratadas e agradecidas por ele. A pessoa de Lino Villachá era como um pai para os internos do hospital.

1.2 Sobre a produção literária do autor

A biografia do autor é repleta, de representações de uma realidade machucada e sofrida. Ao longo de sua produção, o poeta reconhece a dificuldade em encontrar palavras que possam motivar os internos do Hospital São Julião, segundo Villachá (1986):

É sempre difícil encontramos palavras de consolo para aqueles como eu que têm de conviver com parte da vida amputada, devendo limitar-se a um mundo tão estreito como a cadeira de rodas, ou ao deserto branco de um leito. Porém, sempre que me desanimo procuro a fonte, aquela fonte escondida dentro de nós, da qual podemos tirar força e vontade de viver. (VILLACHA, 1986, p.50).

Na citação acima é nítida a representatividade que o autor busca promover alento e encorajamento; porém quando o que ele procura falta, busca dentro do seu eu, tirando forças para o viver. A religiosidade também é algo bem presente em todos os seus seis livros, os quais estão carregados de orações, súplicas e agradecimentos a Deus.

No poema abaixo, o poeta expõe a angústia de ser um portador do mal de Hansen. E na primeira estrofe, já no segundo verso, o autor faz menção a um episódio que se encontra escrito nas *Sagradas Escrituras no Evangelho* de Lucas 02:07. “[...] envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.”

Senhor
Ninguém me aceita.
Todas as hospedarias
estão cerradas para mim.
Todas as portas se fecham
ante minha presença...

Sou leproso.
Uma choupana está meu coração.
Uma choupana.
Uma ruína estou.

Dores e sofrimentos
minha vida só me tem dado.
Arrasto-me pelo chão,
porque não posso mais andar.
Vivo morrendo
desde que adoeci.
Já quase não tenho mais
o que morrer...
Mas quando alguém me estende a mão,
nesta choupana uma luz se acendeu.

Uma doce luz:
todas as estrelas do céu,
todas as galáxias do infinito
ficaram vazias de astros...
Naquele momento tão bacana daquele abraço,
mil anjos cantaram hosanas dentro de mim.
Mil

Não sou digno
de que tenhas nascido
em minha morada,
Mas nasceste,
Obrigado, Senhor.
(VILLACHÁ, 1976, p.26).

A literatura de Lino Villachá é uma literatura confessional em que o autor fala da dor e da tristeza, dores causadas pela segregação da doença e literalmente de dores motivadas pela própria hanseníase; porém o mais sentido pelos hansenianos era o abandono, a tristeza, a indiferença e principalmente a exclusão, conforme se constata nas estrofes iniciais.

Deparamo-nos com uma prece que diz: “Senhor, puxa, hoje estou contente, dono do mundo! Ofereço-te a primeira estrela da tarde..., A primeira nuvem, branca que passar... O primogênito de maus pensamentos de alegria, e as primícias da minha paz...” (VILLACHÁ, 1979, p.29). O agradecimento, não deixava de fazer parte do seu repertório, porém, queremos aqui registrar que a biografia do “poeta da esperança”, não é só simples, relatos, crônicas, cartas, entre outros, são obras literárias que fizeram a diferença na vida, primeiramente do autor, segundo, daqueles que conviviam com ele e terceiro daqueles que tiveram ou terão contato com as suas obras, pois ao ler não ficará da mesma forma que eram antes de as lerem.

No Livro, “*A Dor, O Amor e a Vida na Poesia de Lino Villachá*”, Antônio Lopes Lins, assessor do presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso do ano 1977, faz

a seguinte menção em reconhecimento à pessoa do autor e sobre a representatividade da doença.

Hoje eu sei que homens (e também mulheres) assim ainda existem. Porque conheci um deles. Porque me encontrei com a poesia viva, dolorida, borbulhante, panteísta, triste, cheia de símbolos, de Lino Villachá. Uma poesia, que tem, mais, lirismo, carinho e amor e um hino de louvor a Deus pela coragem e ânimo que lhe deu através das criaturas maravilhosas com quem convive; pela aceitação da missão de viver assim; (LINS, 1977, p.9).

Por ser hanseniano, Villachá soube compreender as dificuldades do que era ser um paciente do hospital São Julião e aceitar sua árdua missão de aliviar as dores dos seus próximos que com ele vivia. Foi reconhecido não só por sua literatura, mas sim por ser um porta voz de esperança como foi constatado na fala do assessor do presidente da Fundação de cultura de Mato Grosso do Sul de 1977.

A representação é uma mímese, que procura levar o leitor a ter uma imagem da própria leitura nos contos e poesias que escreveu. Conseguimos ver essas imagens, na obra de Villachá como mímeses que mostram a dor, o sofrimento e como era difícil ser um hanseniano naquela época. Por outro lado, demonstram também a sua fé, a esperança e a vida vivida na colônia São Julião, como podemos observar nos trechos em destaque:

A verdadeira felicidade não é ter saúde e possuir muito dinheiro; não é viajar e conhecer outras terras; não é viver folgado, sem nada fazer, e comer do melhor que há; não é viver rodeado de mulheres belas e de bebidas finas e ter liberdade de fazer o que quiser.
Felicidade? Felicidade é ser pobre e fazer bem aos que não gostam de nós; e ter fome e poder dar o pouco que se tem, aos que nada tem para comer; e abençoar aos que falam mal de nós, é amar ao próximo como a nós mesmos; é perdoar ao que nos fazem mal; é fazer todas essas coisas e viver assim em paz conosco mesmo, e nada ter na consciência que nos acuse diante de deus. (LINS, 1977, p.193).

Podemos ver a representação do que Lino faz para o desapego de alguns dos sete pecados capitais como a ganância, a luxúria e os prazeres da carne; mostrando como devemos agir mediante as coisas simples da vida, tais como: amar a quem não nos ama, dar um pouco a quem não tem e viver de consciência limpa diante de Deus.

Senhor,
Hoje eu venho aqui somente para Te trazer o meu profundo agradecimento.
Eu, que sempre esperei em TI,
não fui decepcionado. (VILLACHÁ, 1976, p.23-25).

Nas linhas iniciais da primeira estrofe, o poeta fala da sua gratidão, dizendo que nunca foi desapontado por Deus. A sua reverência e o reconhecimento da divindade são expressos quando o escritor escreve os pronomes possessivos com letra maiúscula no poema, indicando respeito.

Deste-me alguém que preencheu meu vazio,
enriqueceu minha experiência,
encheu meu coração,
quando mais precisava.
Alguém que me fortaleceu
e me ensinou a amar
e a ver nas pequeninas cousas desta vida,
a marca da Tua grandeza.
Que me mostrou e me ensinou a ver
nos pássaros, nas flores, e nas nuvens
e numa pequenina estrela até,
a Tua face.
Que, enfim, mesmo sofrendo tanto,
doou-se a mim como eu a ela me doei
e me fez ignorar a própria dor
e Te encontrar na alvorada.
E vivemos. Fomos dois,
de mãos dadas, a esperar por TI,
a acreditar na Tua misericórdia.(VILLACHÁ, 1976, p.27).

Na estrofe acima, Lino fala da sua amada “Maria”, “a quem dedicou os seus primeiros escritos [...], e que ela era a canção do meu caminho”. Villachá (1979, p.114). Neste poema, Villachá menciona que ela lhe completa em todos os aspectos da vida e que lhe ensinou a ver nas minúsculas coisas a marca e a face de Deus, mesmo diante do sofrimento que ambos compartilhavam.

Mandaste-nos amigos
para nos mostrar que Teu amor é grande
e nele podemos confiar
e dele podemos esperar.
Eles nos falam de Ti e nos consolam.
Isso foi tão bom...
Agora a morte me levou Maria
- e eu pedi tanto, para nós, tua piedade!
E a tiveste, tiveste
porque me fizeste ver
como ela partiu sorrindo, serenamente,

com aquela certeza de quem,
partindo, embora, para um lugar desconhecido
tem certeza de que vai ser bem acolhido.
-Espera-me no céu! – pedi-lhe.
-Esperarei... – balbuciou-me apenas.
Mas logo acrescentou, numa despedida:
-Estarei sempre como você no pensamento!
e suavemente se foi.
Senhor,
embora a tristeza às vezes avassaladora
me domine,
vem a mim a lembrança daquela graça.
e eu me reanimo
na esperança de Tua misericórdia...(VILLACHÁ, 1976, p.23-25).

Nessas duas últimas estrofes, Lino Villachá agradece por seus amigos e sua companheira, mas mediante a morte dela ele se apegua na esperança de se reencontrarem, não aqui no céu. Vimos neste poema a fé que ambos tinham, que é mais forte que a própria morte e o autor termina dizendo assim: “Nos dias atuais por mais cafona que seja a história que eu e ela vivemos, ninguém poderá negar que, ainda a beira do século XXI, toda mulher é a sombra de um anjo sobre um homem e todo amor uma canção no caminho”. (VILLACHÁ, 1979, p.117).

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DO REGIONALISMO NA OBRA DE LINO

*“Mato Grosso,
estes cerrados tão vastos
uma multidão de braços retorcidos ...”*

Lino Villachá (1976)

Ao abordarmos esse assunto, precisamos ter em mente sobre o que vem a ser literatura regional. Regionalismo transpassa e vai além de limites geográficos como podemos ver nesta citação de Joao Cabral de Melo Neto:

“O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas fala de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria as suas lutas e as suas belezas etc. Não, é claro, com a limitação de uma linguagem louca, que inutiliza a expressão universal e a transmissão objetiva do conteúdo humano do poema ou do romance. (...). Apenas, com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do humano. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que lhe poderá inutilizar a universalidade. (...) O que interessa é o problema do homem. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem o é amplamente homem quando é regional. Se me tirar a estrutura ideológica do pernambucano, eu nada sou. Faulkner, por exemplo, é profundamente universal porque é regional e nacional. (...) O perigo do regionalismo para o poeta é também a limitação da linguagem, porque o conteúdo psicológico lá está indiretamente no seu conteúdo humano. E a poesia, em geral, não é realista, ou melhor, não permite tanto realismo como o romance. (NETO, 1958, p.85 e 86).

O escritor João Cabral de Melo Neto descreveu nesta entrevista que o regionalismo ultrapassa as fronteiras, mas está limitado a fala, ao sotaque de determinado local. Desde a segunda metade do século XVIII, pelo menos, tivemos escritores preocupados em construir uma literatura brasileira: na busca desse objetivo, as estratégias são traduzir para o texto literário a realidade e a linguagem local e regional. Neste sentido, era regional todo o texto que não era urbano.

O regionalismo iniciou-se com o romantismo, como podemos ver na afirmação de Leite (1995):

Feita a independência política, o desejo de afirmação e autenticidade cresce, junto com o índio, nosso romantismo erige os brasileiros de zonas afastadas dos grandes centros como representantes da brasilidade autêntica. Nasce, então, o regionalismo, que, embora ainda não tenha esse nome, é uma tendência combativa e pragmática de expressar, sobretudo pela ficção, o nosso interior. (LEITE, 1995, p.178).

A literatura possui a identidade de uma nação e se mostra por meio da sua cultura e as obras e autores sofrem influências dos povos que interagem com as produções literárias. O Brasil é composto de diversas culturas, que se misturam de acordo com o povoamento das regiões e zonas fronteiriças.

Segundo Candido (1980, p.176), com a descoberta do Brasil o regionalismo passou a ter embasamento e com característica de se conhecer a fundo o nosso país. Além disso, proporciona uma identidade nacional, com base na valorização e na retratação de suas peculiaridades.

O regionalismo reaparece na literatura brasileira com força a partir de 1930, período (1930-1945) que ficou conhecido como “o romance regionalista de 30”. Nessa fase era para a produção literária nordestina que estavam voltadas as atenções, através dos seguintes autores: José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos são alguns dos nomes que se destacaram neste período. Esses escritores, de acordo com Almeida (1980, p. 176), “pareciam mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa”.

Nas suas obras ficcionais, os escritores demonstravam uma visão social da realidade, e “o romance social torna-se a forma narrativa dominante, definindo, por assim dizer, o perfil estético da época” De acordo com Pereira (1973), o regionalismo pode ser definido como a corrente literária na qual está inserido “qualquer livro que intencionalmente ou não traduza peculiaridades locais” (PEREIRA, 1973, p.179).

Porém, Fischer (2003) nos revela o outro lado da questão.

Em sentido amplo, tudo é região, dependendo do que se quer chamar de região. A menos que se aceite o critério imperialista de que há um centro, e o que resta que fique girando em torno, ou que se use um critério mais amplo, fortemente consolidado, mas nem por isso menos complicado, do ponto de vista intelectual, que é o critério que opõe a cidade e sua cultura

ao campo e sua cultura. Este último é que costuma ser a chave do debate. (FISCHER, 2003, p.46).

No ensaio “*Literatura e subdesenvolvimento*” (1987), Antonio Candido afirma, as características literárias são mapeadas, com base na produção das obras nas fases assim nomeadas por ele: fase de consciência amena de atraso e fase de consciência catastrófica. A primeira corresponde à ideologia de um país novo e a segunda corresponde ao momento em que há a tomada de consciência do Brasil como um país subdesenvolvido. E Candido continua, enquanto houver subdesenvolvimento, haverá novas manifestações regionalistas que manifestam a seu modo, contradições, ressentimentos, desigualdades e lutas políticas, embora a questão do subdesenvolvimento não seja suficiente para explicar o regionalismo e que outras características não exclusivamente econômicas o determinam interna e externamente.

A literatura regionalista, realizada até o início do século XX colocava homens no mesmo patamar dos animais e natureza, tinha caráter paisagístico, era produzida para o cidadão urbano conhecer o que havia além das fronteiras da sua cidade. Essa problemática só foi finalizada quando os escritores oriundos das regiões retratadas por esses primeiros regionalistas conseguem desmistificar a paisagem criada e executar uma obra que é bem produzida estética e ideologicamente.

Vamos considerar acima de tudo o regionalismo como instrumento de afirmação nacional regional, crítica social, investigação da dimensão psicológica do componente nativista que lhe serviu como definição desde seu surgimento e o seu lastro com o real como necessidade fundadora, e, tributário do subdesenvolvimento econômico e social do país. O regionalismo é uma expressão literária que valoriza detalhes locais, tanto no aspecto geográfico quanto cultural.

Segundo (COUTINHO, 1955, p.146-7) toda obra de arte é regional quando apresenta como pano de fundo um lugar ou quando parece brotar desse local particular, e em um sentido mais restrito, este, afirma ser regional uma obra que não é só localizada em uma região, mas também retira a sua essência real deste lugar, quer dizer, o natural: clima, topografia, flora, fauna etc. Logo, as obras de Lino

Villachá confirmam o que Coutinho (1995) diz, como podemos ver neste trecho do poema do escritor, intitulado “*A antiga Terenos da minha infância*”.

Em outra rua,
uma igreja pequenina
E um cemitério grandão...
que guarda para sempre
no silêncio de seus túmulos
o sono dos pioneiros
Ali dormem os meus ancestrais
um sono de milênios,
juntos aos quais repousa
na redoma azul do infinito
aquela cidadezinha pacata...(VILLACHÁ, 2009, p.253).

O regionalismo “se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional, agregando ao seu conceito noções como ‘localismo’, ‘pitoresco’ e ‘bairrismo” (ARAUJO, 2008, p.119). Entendemos que, nos processos culturais, a dinâmica entre os elementos do imaginário, e, a sociedade expressa determinados modos de ser, fazer, pensar e agir, em resumo, essas ações estão visceralmente ligadas às manifestações identitárias que escrevem a região.

Na literatura, o estudo como o tema regionalismo, constitui um desafio teórico, defronta o estudioso em questões da teoria, da crítica e da história literária, quando se apresenta tais problemáticas como: do valor; da relação entre arte e a sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas e não-canônicas.

Debruçar sobre o regionalismo atualmente, nos leva a constatar seu universalismo e a sua atualidade. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-nação, hoje se reatualiza como reação à chamada globalização. Faz-nos considerar que a questão regional e a defesa das particularidades locais hoje se repõem com força, quanto mais não seja como reação aos riscos de homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às dificuldades de vida e trabalho no “paraíso neoliberal”.

Por isso, o regionalismo literário hoje, em muitos países, inclusive aqui, reaparece discutindo questões de identidade. Sua objetivação, portanto, surge na literalização da região, que, para Jürgen Joachimsthaler (2009, p.35 e 41) ocorre quando uma regionalidade está indelevelmente inscrita em um texto e pode ser

fruto, não raras vezes, da necessidade de documentar determinada cultura, gerando uma imagem consciente da região representada.

Essa imagem, esse documentar é nítida nesse trecho do poema com o título “*Lembranças do Pantanal*”.

No dia ensolarado do sertão,
ao descer de canoa o rio silencioso,
encontramos bandos de biguás-pretos
pousados no biguazeiros.
Agitam-se, estiram o pescoço,
e, grunhindo, abre as asas.
como uma grande abraço...
Às vezes, um deles mergulha
e vem à tona com um peixe no bico.
Sacudindo-o no ar, engole-o com avidez. (VILLACHÁ, 1991, p.38).

Ao lermos esse trecho do poema, é possível em nossa mente formar uma imagem ou uma cena, começando com uma canoa descendo o rio em silêncio, que ao descer se depara com um bando de biguás, fazendo barulhos, abrindo as asas, outros sacudindo e com peixes nos bicos. E o autor registra, documenta a cena, algo que é normal de uma região, como o Pantanal.

De acordo com Rosa; Nogueira (2011):

As representações artísticas são as que melhores representam o modo de ver o mundo, de atuar sobre ele, revelando o compromisso com a defesa da liberdade, integridade, etnias, crenças valores, além da preservação das marcas culturais, que identificam os seres humanos, consolidando a sensação de pertencimento a um povo, região ou localidade [...]. Embora todas as modalidades de arte tenham sua importância na construção das sociedades humanas sobre as quais provocam os mais diversos efeitos, a Literatura destaca-se pela força estética e poder crítico que assumem os signos linguísticos, inseridos no contexto multissignificativo da linguagem poética, instauradora de novas maneiras de representação e interpretação da vida e da sociedade, tanto nas suas particularidades quanto na totalidade. (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p.25).

Com muitas faces a literatura é composta, já que um povo se mostra pela sua cultura. Dentro do regionalismo, encontramos diversas culturas, não podemos ignorar as representatividades que envolvem este gênero na e para a literatura.

2.1 Regionalismo Sul-Mato-Grossense

Em nosso país, há miscigenação de várias raças, que se formam muitas vezes dentro de um mesmo estado, o professor doutor *José Fernandes*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e membro da Academia Goiana de Letras no livro “*A literatura Sul-Mato-Grossense Na Ótica De Seus Construtores de 2011*”, idealizado pelas escritoras Albana Xavier Nogueira e Maria da Glória Sá Rosa faz um depoimento, no prefácio do mesmo, “pois se trata de uma literatura feita a muitas culturas que se agregam e confirmam o lado estético, convertido em linguagem, à sul-mato-grossensidade.” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 09). E em consenso com o autor do prefácio complementa:

A multiculturalidade existente na literatura sul-mato-grossense envolve também as raízes do Estado, pois se compõe de escritores que nele residem; mas que nasceram antes da separação e, em decorrência, com raras exceções, componentes culturais inerentes a todo o antigo território. E o caso dos irmãos Barros; um cuiabano; outro, corumbaense; mas impregnados de Pantanal. Abílio, ficando na realidade, nas vivências da região. Manoel, pleno de telurismo local, marcado por uma forte relação com a terra; mas transporta para uma dimensão metafísica, portanto a transformação em imagens, mediante a fusão de essências, como se homem e natureza compusessem um único ser. (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p.09).

Tudo muito selecionado, que atinge o âmago de uma linguagem, elevando a uma esfera que sobressai, produto de suas impressas conexões com demais códigos éticos, logo, esse regionalismo ultrapassa os limites do Pantanal e se insere no universalismo.

Todavia, o professor José Fernandes da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, *ainda* aborda a junção entre a economia e a literatura, que é uma multiplicidade cultural, na qual envolve a bovinocultura, figura do boi que não poderia ficar longe da literatura Sul-Mato-Grossense, representada nas pinturas de Humberto Espínola, que é um artista plástico brasileiro, criador e difusor do tema bovinocultura. Sendo que para o escritor, compositor e poeta *Orlando Antunes Batista* resulta em poesia e poemas, estudados pela poetisa *Raquel Naveira*, em *Bovino cultura e Literatura*.

Sendo assim, na multiplicidade da literatura e a interculturalidade define a conquista através da maturidade literária, na qual está iligado do norte ao sul do país, segundo ROSA; NOGUEIRA (2011, p. 09 apud FERNADES, 2011, p.19):

A Interculturalidade Sul-Mato-Grossense se estabelece com, praticamente todas as regiões destes brasis, pois o Nordeste, já representado por Maria da Glória Sá Rosa na produção de livros didáticos de primeira grandeza e na crítica literária resultante de sua sede do ler, e por Rubenio Marcelo e Guimarães Rocha, encontra em Reginaldo Alves de Araújo um elo perfeito da inter-relação cultural. (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p.09 apud FERNANDES, 2011 p.19).

Visando toda essa ligação da cultura e a literatura, a professora Doutora Léa Masina, professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no livro *“Fronteira do Local roteiro para uma leitura crítica do regional Sul-Mato-Grossense”*, (2008) escrito pelo professor e doutor Paulo Sérgio Nolasco dos Santos da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, argumenta que o pesquisador faz uma abordagem que transcende as formalidades acadêmicas costumeiras, nas quais envolvem as questões sobre limites, identidades e regionalismo.

Logo, o prof. Dr. Nolasco faz um direcionamento em dar visibilidade na Literatura do Mato Grosso do Sul. O autor do livro pretende abordar a literatura e dá voz ao registro de fronteira Brasil-Paraguai, e, também as que se ocupam do entorno, incluindo o Pantanal Sul Mato Grossense, lembrando que o estudo abordado sobre o regionalismo será na perspectiva comparatista, e sem fechar os olhos para as questões sociológicas e antropológicas, tais como identidades, pertencimentos e seus contrários.

A princípio a história possui um papel importante neste aspecto, desde os primórdios até hoje, se registra, se documenta tudo de um indivíduo ou de uma sociedade, conforme Jacques Le Goff (1924):

Que relações têm a história com o tempo, com a duração, tanto com o tempo "natural" e cíclico do clima e das estações quanto com o tempo vivido e naturalmente registrado dos indivíduos e das sociedades? Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial

da história: o calendário; por outro, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória. (GOFF, 1924, p.5).

Então, isso é necessário para que não caia no esquecimento e se perca no tempo. Logo, esses registros, não quer dizer que está tudo finalizado, concluído, eles são provas, amostras e marcos de todos os fatos ocorridos de uma civilização, ainda segundo Jacques Le Goff (1924):

Contudo, desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo *documentos escritos* e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares. [...]. Portanto, não se tem história sem *erudição*. Mas do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento. (GOFF, 1924, p.6).

Porém, os registros, a história que o Centro-Oeste possui é de momentos pares com o Rio Grande do Sul, como podemos observar na argumentação de (SANTOS, 2008). Até o século XIX (ou primórdios de XX), sobretudo na zona da campanha, a Região de colonização que evoluíram ao do longo tempo. Além disso, no capítulo intitulado Centro-Oeste possui uma história de invasões, posses, guerras e movimentos *Regionalismo: A Reverificação De Um Conceito*, o autor começa a sua obra com a seguinte citação:

Tal como a nação, a região também é uma tradição inventada. [...] A força mobilizadora dessas construções simbólicas não repousa no fato de serem elas verdadeiras ou falsas, mas no fato de serem eminentemente sociais. [...] os intelectuais, artistas e escritores desempenham um papel determinante no trabalho simbólico de formulação da região e na ruptura do desconhecimento que encapsula os espaços periféricos, contrariando o processo de homogeneização por ênfase nas particularidades locais. (SENA, 2008, p.135).

A seguinte citação aborda sobre a importância que as regiões têm na construção de uma nação por meio das mobilizações sociais, de pessoas dotadas de conhecimentos; a quebra de desconhecimento que aprisiona nos espaços, indo contra as igualdades das particularidades que cada local possui. Assim o autor em sua obra visa à verificação da perspectiva crítica contemporânea acerca do conceito

de regionalismo e “regiões culturais”, com base nas críticas literária e cultural latino-americano, permeando a natureza e função de um conceito e o lugar de enunciação da crítica para melhor entender essa estrutura em operação nos estudos de literatura e cultura na contemporaneidade.

Segundo SANTOS (2010 apud CANDIDO, 1979) em seu livro, *“Fronteira do Local roteiro para uma leitura crítica do regional Sul-Mato-Grossense”*, aborda sobre a crítica cultural contemporânea ou a reavaliação de um conceito.

A discussão acerca do conceito de regionalismo ganha ressonâncias exponenciais, sobre tudo a partir de Antonio Candido. Para o crítico brasileiro, formulador das três fases do romance latino-americano – regionalismo pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo – essas fases corresponderiam às três fases da consciência cultural. Em especial, a fase do super-regionalismo, analogia a surrealismo ou super-realismo, como sublinham Diniz e Coelho (p.426), e que corresponderia à consciência dilacerada do subdesenvolvimento, da qual é tributária a obra de Guimarães Rosa, solidamente estabelecida no solo de uma universidade da região. (SANTOS, 2010, p 27 apud CANDIDO, 1979, p. 361, 362).

Porém, já para Cosson, (1998):

o regionalismo, por si só regional duplamente entendido com a busca de identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região do país, e ainda, se a distinção entre o regionalismo e a literatura regional/sistema literário regional deve ser preservada pela alusão e semantização “conteúdos” específicos, além de agendar gêneros e /ou formas diferentes, bem assim a proposta de característica de uma “região cultural” parece justificar-se de modo especial quando se consideram os cruzamentos entre mais de um território, nacional, como é o caso da questão aqui apontada e formulada como problema, a região cultural do extremo oeste no Brasil, no Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul.(COSSON, 1998, p.85 – 94).

As características específicas de uma “região cultural” sinalizadas pelas relações de câmbios, transferências e traduções de outras regiões, essas também caracterizadas por regionalismo e para isso, precisamos ter em mente o que Kalimam, (1994) afirma;

O que equivaleria também reconhecer o poder cultural que o espaço geográfico da fronteira Brasil-Paraguai representa, e que pode ser descrito e lido, seguindo a mesma perspectiva da crítica do regionalismo, como o espaço em que as obras descrevem, o tema que é retirado deste mesmo espaço em que as obras serão estudadas e reconhecidas. (KALIMAN, 1994, p.5).

As trocas, as permutas culturais não devem ser esquecidas, pois elas são as que evidenciam uma sociedade, uma região e até uma nação.

O regionalismo não é só um “ismo” a mais nas catalogações da historiografia brasileira: sendo a convicção de reconhecer o regionalismo e estudá-lo em sua presença viva, contribuindo para conhecer a identidade brasileira, que é uma e múltipla, e ainda, Barbosa (2006, p.22), afirma que o regionalismo literário, que é exclusividade do Brasil, isso é prova de um conhecimento precário ou insuficiente de literaturas estrangeiras.

Todavia, regionalismo vai muito mais além do que os limites geográficos, com isso fica bem claro que não é exclusivismo do Brasil. Chiappini (1995) afirmou que:

O José Carlos Garbuglio, professor de literatura brasileira na USP, hoje aposentado, escreveu certa vez que o regionalismo tem "fôlego de gato". Pois o que a pesquisa constatou é que isso não ocorre só no Brasil. O regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento - ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural em oposição aos costumes, valores e gosto dos citadinos, sobretudo das grandes capitais - quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores. (CHIAPPINI, 1995, p.154).

Essa diversidade cultural faz com que tudo ultrapasse todos os limites, quer sejam eles geográficos, políticos, religiões, línguas, povos e nações. Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes da tradição oral, da cultura, localidade e idioma, assim faz com que a literatura regional se torne cada vez mais objeto de pesquisa.

2.2 Memorialismo e autobiografia na poética de Lino Villachá

No século XVI, em terras brasileiras as manifestações literárias eram para informar, relatar e documentar. Logo, a literatura memorialista teve começo somente no romantismo. No século XX, é neste momento, que surge uma questão voltada à identidade coletiva do nosso país, o memorialismo nasce, com obras de grandes autores, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Graciliano Ramos e no Estado do Mato Grosso do Sul se destaca Manoel de Barros, suas obras

procuram abordar a nossa nação, assim como a postura dos nossos líderes neste momento da história do Brasil.

Todavia, os escritores memorialistas, dos quais podemos citar também Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Cyros dos Anjos e Pedro Nava, o composto dessas obras embora muito diversificadas, embasavam-se nas doces lembranças das famílias, em uma voz poética o narrador é protagonista dessas memórias. Segundo, Clarice Lispector (1974) em *A paixão segundo GH: “viver não é relatável!”*, mediante a isso os autores memorialistas, evidenciam e enaltecem as suas histórias, suas lembranças, que emergem de imagens contidas no subconsciente, fatos narrados por experiências ou documentação, canalizando todas para o papel e registrando em forma literária, já que a vida não pode ser escrita.

Segundo, Eliane Zagury em seu livro “A escrita do eu” (1982) a diferença entre o memorialista e o ficcionista, parte de uma questão de superação:

Dizendo que o memorialista, de certa forma, volta à infância porque já a superou totalmente: é a emoção dessa superação que o faz revivê-la. O ficcionista não supera a infância – integra-a na vida adulta. Mas, como podemos fazer essa distinção em termos absolutos, se inúmeras vezes o escritor é ficcionista e memorialista? (...) A infância superada se expressa em memorialismo, a não superada em ficção (ou em poesia, ou em qualquer outra forma de arte cujos conteúdos possam ser simbólicos). Entretanto, há muitos outros condicionamentos para o ato memorialístico. Este é apenas um deles – se fosse o único ou absoluto, não seria possível deixar de escrever memórias, pois todos temos uma infância superada para a qual nos debruçamos emocionados e uma infância integrada e presente que mal distinguimos, mas comandava uma boa parte da nossa vida (ZAGURY, 1982, p.113 e 114).

A autora acima citada comenta que, a infância sobrepujada é apresentada em emoções dessa superação, então, temos o memorialismo; já com as lembranças proporcionadas em forma de arte, ou algo peculiar temos as ficções.

A narrativa memorialística se localiza numa alteração sutil da ficção, do imaginário, do maravilhoso e do inconsciente, embora o ser humano busque pela verdade o tempo todo, mas, sempre aparenta ser outras pessoas como afirma Porto (2011):

Como disse Shakespeare sobre o teatro. A literatura memorialista é como um teatro da narrativa, e as máscaras com os quais o narrador se apresenta vêm em camadas num sutil palimpsesto de rostos. O narrador memorialista é um fingidor, como no poema de Fernando Pessoa, “*chega a fingir que é dor a dor que deveras sente*”. Mas o que seria a realidade? Seria o eu dos meus sonhos, ou o eu próprio, na qual desenvolvo vários papéis, papel de pai, de marido, de filho, de funcionário entre outros, pois tudo isso é como se eu, estando em casa com a minha família, esposa e filhos, ao adentrar-me em casa, desfaço-me da realidade de funcionário e entro na realidade de pai e esposo, só sei que somos autores e heróis da realidade e sonhos, pois sempre estamos querendo saber sobre os sonhos, saber sobre as verdades guardadas em uma cena real. (PORTO, 2011, p.115).

A escrita memorialista passeia entre os fatos e as abstrações, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos passados e o futuro. E na poesia podemos também encontrar a narrativa e a memória, como versa neste trecho o poeta:

A casinha que eu queria
não era preciso ser uma “mansão”:
teria que ter uma varanda
com flores e samambaias,
onde o vento viesse brincar;
talvez um quintal
com uma mangueira frondosa
para os pássaros virem morar;
Queria cheiro de café
sendo coado...
Domingos com gosto
de macarronada...
Risos de criança
e brinquedos espalhados na sala. (VILLACHÁ, 1991, p. 35).

É visível, nessas duas estrofes do poema, termos a imagem que o escritor faz e oscilando entre o pretérito e futuro, através da narrativa memorialista. Segundo Pedro Nava (1974), principal escritor memorialista, deparamos com um narrador que leva como ponto principal a linguagem poética da memória, que vem a ser um artefato fundamental de reflexão, de voltar a si mesmo, como podemos ver no texto abaixo.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em

determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. (NAVA, 1974, p.17).

No contexto familiar, a voz nos mais velhos, no caso dos avôs, pais e tios, é uma voz de autoridade, uma voz que todos tinham que respeitar e ouvir e acatar a sua argumentação, pois tinham o conceito de que experiência deles é que tinham de mais valioso.

Segundo Porto (2011):

Fazendo da escrita um fluxo imanente e analítico da própria constituição mnemônica daquilo que narra, o narrador memorialista cria uma espécie de metamemória literária, pensada sob a estrutura do rememorar e a partir do próprio discurso memorialístico num jogo espelhar, num jogo de linguagem onde as entrelinhas são as linhas e vice-versa, onde o profundo e a superfície interagem para compor o ato de criação. (PORTO, 2011, p.17).

Por sua vez, a escrita memorialista se lança às lembranças para também pensá-las pelos seus opostos, nas idas e vindas, e ao pensá-las repensar ressentimentos e esquecimentos, através das falhas, das lacunas de uma história, dos “brancos”, dizemos isso quando nos esquecemos de algo que iríamos mencionar em uma narrativa.

A psicologia tem se voltado para os estudos, sobre a questão da memória enquanto fenômeno social, através de investigações em diversos contextos, analisando a influência dos aspectos constitutivos das interações sobre a recordação individual. Conforme Palo (2009):

É a consciência do presente que amalgama da memória, passando ao corpo a tarefa de ser um lugar de passagem das coisas que agem sobre nós e as coisas sobre as quais agimos. Imaginar não é lembrar. A lembrança tende a ganhar vida numa imagem, mas o inverso não é verdadeiro. (PALO, 2009, p.2).

Assim Bergson (2006) questiona:

O que é então a lembrança? Toda descrição clara de um estado psicológico se faz por imagens e acabamos de dizer que a lembrança de uma imagem não é uma imagem. Lembrança pura só poderá, assim, ser descrita de uma maneira vaga, em termos metafóricos. (BERGSON, 2006, p.47).

Logo, a lembrança é a manifestação do passado no presente ativo do corpo. É por isso que a memória psicológica só pode ser deliberada como uma atividade espiritual.

As teorias dedicadas ao gênero memorialista e subgêneros correlatos às narrativas do self, (Vieira, 2014), a abordagem narrativa do *self* e da identidade consolidou-se recentemente no campo da psicologia a partir dos escritos de Hermans e Kempen (1993) e McAdams (2001), (autobiografias, diários, cartas, relatos de vida, etc.) apontam para algo que não deve ser descartado: a impossibilidade de correspondência “fidedigna”, de coincidência identitária, entre o “eu” que narra e aquele que é objeto da narração. Mesmo considerando-se, que “modelo” e ‘redator” perfazem nas autobiografias uma única figura, a identidade pretendida é apenas efeito de uma forma retórica, responsável pela dramatização do sujeito em uma unidade indissolúvel. Como constata Lejeune (1980):

Na verdade, não somos nunca causa da nossa vida, mas podemos ter a ilusão de nos tornarmos seu autor, escrevendo-a, com a condição de esquecermos que somos tão pouco causa da escrita quanto da nossa vida. A forma autobiográfica dá a cada um a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. Mas basta descobrir-se dois no interior do mesmo “eu” para que a dúvida se manifeste e que as perspectivas se invertam. Nós somos talvez, enquanto sujeitos plenos, apenas personagens de um romance sem autor. A forma autobiográfica indubitavelmente não é o instrumento de expressão de um sujeito que lhe pré-existe, nem mesmo um “papel”, mas antes o que determina a própria existência de “sujeitos”. (LEJEUNE, 1980, p.242).

O narrador nas literaturas memorialistas é o protagonista, autor das lembranças dos tempos que vivencia, procurando fazer uma *self*, dentro da obra. O corpo faz a ação, essa que faz a reprodução de uma imagem – centro da ação exercida sobre os objetos do entorno. O resultante é um feixe de imagens, das quais o corpo é uma delas – em torno dessa imagem, dispõe-se a representação de suas lembranças ou as ilusões de todos os tipos, em muitos momentos, em busca do tempo original.

Segundo (BERGSON, 2006, p. 87) com efeito, por mais curta que se suponha ser uma percepção, ela sempre ocupa certa duração e exige, por conseguinte, um esforço de memória que prolonga uns nos outros numa pluralidade de momentos. A

memória é a matéria prima da escrita, em que se buscam por meio de lembranças, imagens, fotografias, filmes, entre outros, apresentar relatos vivenciados pelo próprio autor narrador ou não.

O memorialista aponta para um alvo, que não podemos desconsiderar: a veracidade dos fatos relatados sobre a pessoa do “eu narrador”. Além do mais, que neste gênero, a fidedignidade dos textos é a própria identidade do autor escritor narrando uma autobiografia, como diz (LEJEUNE, 2008, p.15):

A sua obra é memorialística, pois, não se restringe ao individual, contempla o coletivo, a narração de suas histórias e as de pessoas comuns e sujeitos renomados. A sua escrita é também autobiográfica, quando centrada em si, sendo ao mesmo tempo narradora e personagem de suas histórias, atestando o pacto autobiográfico. Ou seja, para que haja autobiografia, é preciso que exista uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. (LEJEUNE, 2008, p.15).

Assim, não visa só o individual, e sim o coletivo, a produção memorialista, de uma sociedade, na qual o próprio autor-narrador pode ou não participar. O intuito não é contar-se, falar sobre si, sobre a sua personalidade, nem levando em conta a sua trajetória pessoal, nem seus sentimentos, medos, frustrações e tristezas com as quais retratam. E sim registrando os seus momentos e os de outras pessoas que conviveram ao longo de sua vida, como podemos observar no trecho abaixo do poema de Lino Villachá (1979):

Caminhávamos em bandos pelas estradas
e tínhamos que anunciar nossa própria desgraça.
Depois o mundo nos pôs em leprosários escondendo sua própria chaga.
o homem então descobriu um remédio
com que tratá-la,
porém a cicatriz sempre trai...
como a de um preso que ganha a liberdade
e não encontra emprego;
como a de um prostitua que anseia um lar
e apenas lhe enxergam o passado do corpo,
esquecendo que o coração não pode ser substituído. (VILLACHÁ, 1979,
p.24).

De acordo com Porto (2011):

A escrita memorialista é uma escrita que passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos

pretéritos e o desejo do tempo futuro. E na poesia podemos também encontrar a narrativa e a memória. Nas narrativas de vida reconheceremos nas raízes, nas matrizes, a fala de um pai, de uma mãe, o Universo, a Terra. E retornaremos à velha casa de nossa infância, a casa que inventaremos para a morada da saudade do nosso adulto. (PORTO, 2011, p.202 e 203).

Sendo que muitas serão as ressonâncias que poderão emergir de dentro de nós: as lembranças dos pais, dos avós, dos mestres, dos amores, das pessoas que encontramos pelo caminho e dos companheiros de jornada, ou ainda sermos habitados pelas vozes que nos apropriamos dos livros, dos personagens que conversarão conosco por uma vida inteira, as vozes dos poemas, dos poetas que capturaram em versos sentimentos que pareciam antes ser só nossos, as vozes dos autores literários que nos levarão a viver em épocas e lugares nunca antes imaginados.

Lino Villachá em seu poema “Casas de Tábuas” publicado no livro *Uma janela para os pássaros* de (1986) relata sobre a casa em que viveu, informando detalhes que ao lermos, a nossa mente forma uma imagem como se conhecêssemos o local descrito pelo autor, ficando muito implícito aos memorialismos como podemos ler no fragmento abaixo do poema:

“Casa de Tábuas”
Ela tem trancas de tramela
com portas e janelas das mesmas tábuas
Tem braço de manivela puxando água
de um poço sem fim...
Tem água de tranque com barquinhos de papel
navegando no quintal
Tem um Coração de Jesus na sala
cheinho de esperança para o pobre sorrir...
A casa de tábuas tem máquina de costura
vestida de renda no canto da frente
Tem folhinhas das Casas Pernambucanas
e Hora do Fazendeiro para chamar o compadre
ou quem ouvir
Tem fogão de lenha dormindo com um gato
enrolado na boca...
Tem pote de barro cheio d’água com gosto de terra
(VILLACHÁ, 1986, p.23).

E, na literatura, a escrita das lembranças, a memorialística, poderá aparecer como verso ou prosa, verso e prosa simultaneamente, sejam em relatos (auto) biográficos, poesias ou romances de ficção, como afirma Antonio Candido:

(...) desejo comentar certos livros recentes produzidos por escritores mineiros, que podem ser qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico.
(...) Boitempo, A idade do serrote e Baú de ossos, podemos aproveitar a ordem casual em que apareceram a fim de estabelecer uma gradação, porque o primeiro é escrito em verso, o segundo numa prosa-poesia e o terceiro em prosa; o primeiro é autobiografia através de poesia; o segundo, através de uma poesia inextricavelmente ligada à ficção; o terceiro, como se fosse ficção. Isto mostra que, apesar das diferenças, eles têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura "de dupla entrada", cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea não alternativa. (CANDIDO, 1989, p.51 – 54).

E conclui Porto:

A trama memorialística inaugura um leque de resignificados, que, pela reinvenção do passado, tomam a forma da narrativa do imaginário, falando bem próximo a um mito fundador que é o da criação da própria memória. (PORTO, 2011, p.203).

A memória é desdobrável e sujeita às provocações, estimulações e à subjetividade que tornam as memórias incontroláveis. O historiador vive o tempo presente e sua "mente é porosa para o esquecimento" Borges (1988), mas é também homem/mulher de ação, e, cada vez mais, conta com a participação das novas tecnologias, para dificultar o esquecimento e facilitar a lembrança.

Novas experiências, temos vivenciado, em novos vínculos sociais que beneficiam a transitoriedade e a instabilidade identificatória, "É nesse rol que encontramos as chamadas âncoras temporais que, nos possibilitam estar em terra firme diante de um oceano de estímulos que nos apanha a segurança do ambiente conhecido". Hall (1996, p. 280). "Porém, isso nos faz lembrar e trazer de volta antigas vivências de vida e com suas experiências sociais". Pena (2004, p.19). É tentar reviver momentos de coerência e estabilidade. Agora já com o passar dos anos, a experiência, o alargamento dos quadros sociais de que vamos fazendo

parte, nos vão ajudando a situar as nossas lembranças primeiras dentro do movimento histórico, distingue a memória autobiográfica e a memória histórica. Sandoval & Mahfoud, (1983):

A memória coletiva pode, por vezes, se enfrentar de modo contundente com a racionalidade da história feita pelos historiadores. Em outros momentos, pode ser complementar à memória histórica. E, em outros, ainda, servir como limite ao caráter lógico e ideológico da história. Nem a memória coletiva nem a memória histórica podem, contudo, legitimamente, reivindicar para si, a verdade sobre o passado. (Psicol. USP v.4 n.1-2 São Paulo 1993).

Segundo Palo (2008), a memória apresenta-se, igualmente, como uma ferramenta de suma importância no refazer do imaginário, que realimenta a cultura, porque por meio dela os assuntos vividos e retrabalhados pela subjetividade são trazidos a atualidade e nele agrupados. Portanto, um instrumento indispensável, no ato de registrar experiências, no plano literário, a memória elabora uma escrita híbrida na qual muitas vezes contém o diário, o autorretrato, o texto autobiográfico, a ficção, numa trama de pontos estreitos em que o autor se funde com o narrador e, por vezes, com a personagem e com isso tudo o narrador vai muito mais além do personagem.

Essa dualidade identitária pertence ao quadro temporal do evento narrado em que esse eu multifacetado se perde em meio a esse entrelaçado de recordações, muitas vezes confusas, para procurar entender a sua essência. Embora para, Le Goff (2003) define memória como “fenômeno individual e psicológico”, para o autor, a memória se conecta também à vida social e varia em função da presença ou ausência do escrever e chama a atenção do Estado, que produz documentos para percorrer a história e permanecem traços de algum acontecimento do passado.

Para o sociólogo, historiador e professor Michael Pollak (1987), em uma conferência em Brasília, Pollak esteve no Brasil entre outubro e dezembro de 1987 como professor visitante do CPDOC e do PPGAS do Museu Nacional. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)/ Fundação Getúlio Vargas e Laboratório de Antropologia e História/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Museu Nacional/ UFRJ. Ele apresentou quais

são os elementos constitutivos da memória tanto individual, quanto coletiva, para ele esses elementos podem ser agrupados em acontecimentos vividos pela pessoa, dos quais a mesma se lembra, porque foram vividos pessoalmente; acontecimentos “vividos por tabela” que são acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanha importância que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não, existem lugares da memória que nos remetem a uma lembrança pessoal ou não.

Segundo Menna (2004, p. 232) a autobiografia, sugere além de muitos estudos, conjunto dos estudos, a escrita de si, a escrita tanto 'por si próprio/a', quanto 'de si mesmo/a'. É um terreno largo, vasto, infundável; difícil, ardiloso e sedutor, é preciso lembrar que a palavra autobiografia não é a única que pode expressar o presumível conteúdo revelador de uma vida. O movimento autobiográfico contemporâneo permite que alguns escrevam e rescrevam suas memórias e surgindo a hipótese de que talvez a autobiografia só possa ser escrita uma vez, mas as memórias muitas. O significante sob o qual funciona a autobiografia não permitiria que fosse diferente: um só autor, uma só vida, uma só grafia. Conforme Moita:

A pesquisa autobiográfica a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. (MOITA, 1995, p.113).

Razão pela qual os estudos autobiográficos podem ser entendidos como referentes às vidas inseridas em um sistema em que a pluralidade de expectativas e de memórias é o corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de uma pluralidade de tempos sociais, Bourdieu (1987).

Os estudos autobiográficos fazem fluir histórias de vidas, biografias em planos históricos ricos em significados, sendo uma construção, na qual o narrador é o

personagem principal do relato, apresentando momentos vividos, em determinado espaço e tempo, e que também, encontramos outros protagonistas, que são marcantes e fazem essas vivências serem mais contundentes. Conforme Lopes:

Afirma que, a força da autobiografia vem de recursos tais como a palavra testemunhal e do engajamento daquele/a que fala. Assim, o pacto autobiográfico não é apenas referencial, mas relacional, pois propõe ao leitor fazer de conta que crê e o engaja no compartilhamento de um jogo delicioso ou fascinante em que o autor pede do leitor muito mais que o autor de ficção literária o faz: ele pede que o leitor o ame, uma aprovação que concerne não apenas ao seu texto, mas à sua pessoa, à sua vida. Não é pouco. (LOPES, 2003, p.57).

Mas nem só de autobiografias literárias são feitas as autobiografias. Existem outros mecanismos e escritas, na qual podemos relatar as nossas, lembranças, situações do cotidiano, de relatos vivenciados unicamente ou não, crônicas, cartas, pessoas que fizeram parte de suas experiências de vida ou faz, estando perto, longe, com intensidades ou não e etc, e segundo o médico argentino Ivan Izquierdo (2004, p.21) “memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo, e que tanto a formação quanto sua extinção – os esquecimentos – estão vinculados a um sistema complexo”. Diz ainda que “nada somos além daquilo que recordamos” e Thomson (1997, p. 57), acrescenta: “reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. Segundo Brandão:

A memória autobiográfica poderia ser um “antídoto” contra o que Balandier chama de desencantamento da existência. Nos momentos de crise, quando tudo parece perdido, sem sentido e incerto, recorreremos à memória e, através dela, ao imaginário da cultura para (re) compormos os horizontes. Nesse contexto amplo, consideramos a memória autobiográfica como uma promissora possibilidade metodológica de formação continuada e auto-formação, instrumento de resgate das trajetórias e projetos, por meio das narrativas num tempo-espaço da cultura e com uma função ressignificante, ponte entre o passado e o futuro, que incorpora todo o vivido, re-construído e aponta para a compreensão de um sentido-saber rearticulado, refeito, religado. (BRANDÃO, 2008, p.167).

O passado nos cerca de diversas formas, para que possamos saber de onde viemos e para onde vamos, bem como, deixarmos um norte para nossas gerações futuras. Verificamos que após o surgimento da psicanálise e dos estudos historiográficos e literários, como a autobiografia se cresce com o pressuposto de que não se trata de um texto exclusivamente factual, debate já presente no período platônico:

(Re)inventar-se em outros é uma estratégia ficcional tão antiga que levou Platão a expulsar os poetas da Cidade Ideal, mas mesmo um procedimento tão antigo pode ter renovado seu estatuto uma vez consideradas as circunstâncias de seu (re) aparecimento. Assim, entendemos que a incorporação do autobiográfico é uma estratégia para eludir a própria autobiografia e tornar híbridas as fronteiras entre o real e o ficcional, colocando no centro das discussões novamente a possibilidade do retorno do autor, não mais como referência fundamental para performar a própria imagem de si. (AZEVEDO, 2008, p. 33-34).

O modernismo faz da autobiografia um terreno perfeito para vir a ser promissor neste sentido. E como os avanços tecnológicos, o indivíduo, seria esse ser com hábitos de práticas de arquivamento, não apenas um gesto de guardar recordações de determinados momentos da vida, mas, também, uma forma de controle e de garantir nossos direitos sociais: guardamos nossos documentos, contas, comprovantes, registros e assim por diante. Isso faz com que o escritor torne mais real as suas experiências de vida, em seus relatos, como o objetivo de chamar mais a atenção dos seus leitores para aquele acontecimento.

2.3 Literatura e Sociedade

Segundo Zilberman (2012, p.146 apud MARX; ENGELS, 1971), em seus escritos que se encontram as primeiras reflexões sobre as relações entre a literatura e a sociedade. Suas ideias aparecem disseminadas em seus escritos, que expõem suas convicções relativamente aos seguintes pontos.

As criações artísticas expressam interesses das classes sociais que as produzem e, assim sendo, têm valor documental, pois, examinando seus objetos culturais e literários, é possível conhecer as inclinações ideológicas do grupo dominante. (ZILBERMAN, 2012, p.146).

Na citação acima Zilberman (2012), fala que quando a classe social se importa pela criação, isso passa a ter um valor documental. Assim, na citação em destaque, podemos verificar que a arte pode refletir uma sociedade.

Sob esse aspecto, a arte reflete a sociedade, de que decorre seu caráter fundamentalmente realista e, por sua vez, o artista pode transcender sua posição de classe e tornar-se um crítico do meio de que faz parte, mas de todo modo, para entender uma obra e o que ela diz sobre o grupo social e sua época, é preciso conhecer o contexto a que ela se refere. (ZILBERMAN, 2012, p.146).

Nesta parte, temos o registro da importância das obras literárias para uma sociedade, mas precisamos saber em que contexto elas foram escritas e qual era o seu objetivo. Segundo Zilberman:

Foi o pensador húngaro Georg Lukács que, com mais propriedade, retomou essas questões, estabelecendo as bases da Sociologia da Literatura. Seu primeiro livro conhecido é A Teoria do Romance, produzido sob a influência do pensamento de dois filósofos alemães, Georg W. F. Hegel e Wilhelm Dilthey, vinculados a correntes consideradas idealistas. Esses autores, contudo, foram os que, mesmo após a conversão de Lukács ao Marxismo, fundamentaram suas reflexões sobre as relações entre a literatura e a sociedade. (ZILBERMAN, 2012, p.146).

Na Grécia antiga, a epopeia corporificou o mundo fechado daquela civilização e não se repetiu mais. Por sua vez, a épica não sumiu e sim assumiu novas modalidades em virtudes das transformações ocorridas naquela sociedade; portanto, neste momento, os autores começam a fazer a relação de compreensão entre a literatura e a sociedade, como afirma Zilberman:

É na Introdução a uma Estética Marxista que o filósofo húngaro explicita como compreende as relações entre a arte, em especial a literatura, e a sociedade. Seus pressupostos não desmentem as teses originais do Marxismo ao aceitar a noção de que a arte reflete a realidade objetiva. Essa, por sua vez, não é abstrata e universal, mas concreta e histórica; conseqüentemente, toda a arte é mimética, sendo o Realismo a principal categoria estética de seu pensamento. (ZILBERMAN, 2012, p.149).

Sendo assim, como o processo da representação está ligado ao real, então, quando olhamos para a sociedade, contemplamos uma mimese da realidade vivenciada por cada pessoa-ator em um determinado tempo e espaço. E como, poetar é reescrever tão diferente o ato original criativo da linguagem, que o dizer seja sempre dizer o que nunca foi falado até o momento, não o que nunca foi falado, mas falar aquilo que já foi falado de modo diferente. Visualizar na prática do autor, o papel de intérprete, sendo ele imparcial sobre os assuntos do quotidiano.

Além disso, o povoamento do país ocorreu de forma desigual e em várias áreas diferentes e distantes entre si. O traço cultural de cada região influenciou o próprio desenvolvimento da língua portuguesa, ao longo da história.

Antonio Candido, é o grande nome para a crítica sociológica no Brasil, em seu livro *Formação da Literatura Brasileira* publicado em 2000. O autor procura elucidar o nosso país com nação e como sociedade por meio da literatura, que foram produzidas nos diversos períodos da história nacional. E segundo Oliveira (2003), a firma; que o crítico possui a compreensão de nação a organização das ações dos governantes para atender aos anseios do povo. E a noção de sociedade é entendida como o grupo que incorpora os habitantes, de um país junto como os administrantes da nação, possuem direitos e deveres, isso para a organização de uma nação. Essa corrente apresenta uma abordagem contextualíssima para a literatura.

Oliveira (2003) a firma que:

Desde de Aristóteles (384-322 a.C), a relação da literatura com a sociedade é pensada em termos de *mimesis*, ou imitação. Ao imitar a realidade, a literatura problematiza essa realidade, tornando possível a reflexão e o comprometimento em relação ao que se observa nos modos de poesia narração ou teatro. (OLIVEIRA, 2003, p.122).

A representatividade na literatura, expressar situações cotidiana da sociedade, quer sejam agradáveis ou não, porém de forma que leva o leitor pensar sobre tais ações. Em algumas obras é mais fácil à abordagem da crítica sociológica, embora, essa corrente induza que, todas as obras literárias, podem aproximar-se pelo viés de comprometimento com o contexto social em que é produzida. O que é irrefragável é o fato da possibilidade de dizer que a crítica sociológica, procura

perfilhar as complexas existências entre os elementos textuais e seu contexto mais amplo, o de origem, com isso, o texto nunca é isolado, possui relações profundas como o tempo e o espaço que foi produzido e com textos anteriores e atuais.

Segundo Candido:

Se desejamos focalizar os momentos em que se discerne a formação de um sistema, é preferível nos limitarmos aos seus artífices imediatos, mas os que se vão enquadrando como herdeiros nas suas diretrizes, ou simplesmente no seu exemplo. Trata-se, então (para dar realce às linhas), de averiguar quando se como se definiu uma continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária. Salvo melhor juízo, sempre provável em tais caos, isto ocorre a partir dos meados do século XVIII, adquirindo plena nitidez na primeira metade do século XIX. Sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influencias como as de Rocha Pita e Itaparica, é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais ilustrados, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura brasileira. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo -se deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações. Já que 'preciso um começo, tomei como ponto de partida as Academias dos Seletos e dor Renascidos e os primeiros trabalhos de Cláudio Manuel da Costa, arredondando para facilitar, a data de 1750, na verdade puramente convencional. (Candido, 1969, p.18).

Como vimos acima, a literatura brasileira passa a existir no instante em que se configura como acontecimento social. Sendo assim, Candido entende que a produção e de leitura são capazes de amparar uma essência das obras produzidas como veículo de uma visão de mundo e de um conjunto de valores expandidos na sociedade em que determinada obra foi produzida. Todavia, a obra, o autor e o leitor, são elementos básicos para a Literatura passar a existir. O contexto social influencia a circulação e a leitura de uma obra literária, que também entusiasma diretamente a forma de entendimento de um todo sobre si mesma.

Segundo Oliveira (2003) diz:

É preciso ter cuidado, entretanto, para não compreender a obra literária como apenas um decalque da sociedade, pois isso empobreceria muito a percepção da literatura. A arte literária se espelha na realidade para revelar camadas mais profundas do mundo, e algumas vezes camadas ocultas.

Podemos pensar em obras cuja referencial social é mais direta e simplificada, mas, mesmo assim, estamos diante de um universo criado paralelamente ao que existe e, só por isso, já é um fenômeno artístico que nos coloca reflexivamente diante da realidade do modo muito diferente do que acontece quando estamos vivendo a experiência do real. (OLIVEIRA, 2003, p.130).

Um grande problema na referida abordagem sociológica, é a intenção de algumas abordagens críticas em centralizar o foco no contexto social e político da elaboração de um texto. Sendo assim, as características do texto acabam sendo desconsideradas, prejudicando essencialmente a abordagem que há entre a relação da sociedade em que o texto foi produzido e o próprio texto.

A análise sociológica é apropriada, quando é pautada pelo texto para seguir e manifestar as analogias existentes entre literatura e sociedade, de modo responsável e proferido. Nunca podemos esquecer que mesmo quando se trata de crítica sociológica, em primeiro lugar estamos versando de literatura.

CAPITULO III

OS PRINCIPAIS TEMAS REPRESENTADOS NA POÉTICA DO ESCRITOR: A RELIGIOSIDADE, A HANSENÍASE, O SOFRIMENTO, A NATUREZA, ENTRE OUTROS

“O poeta nos seus sentimentos dá vida às coisas...”

Fazer poesia é pintar uma imagem

Com as cores dos nossos sentimentos...

O poeta é um pintor que usa o pincel das palavras e a tinta sentimentos...”

(VILLACHÁ, 2009)

Segundo relatos autobiográficos, Lino levantava às cinco horas da manhã, empenhado para o trabalho, era responsável por muitas tarefas dentro do hospital São Julião. Tenha predileção pelo entardecer para escrever, como consta na citação abaixo:

Escrevo nas horas de lazer, nos dias livres ou no momento “roubados” ao expediente. Considero as horas do entardecer como as melhores para meditar e criar. Acho as mais poéticas do dia. Para escrever, prendo entre os dedos que me restam uma caneta ou um lápis com o qual bato à máquina. (VILLACHÁ, 1986, p.119).

Nesta parte do dia, Lino buscava a inspiração para escrever a sua biografia, ele abordava temas que mais entendia, tais como a dor, o sofrimento, a tristeza, porém o escritor se apropriava da natureza, da vida, do amor e principalmente da religiosidade que era uma constância em suas obras, como lemos neste fragmento abaixo do seu livro *Minhas Flores de Flamboyant* (1991):

Debaixo de toda a beleza natural deste meu pequeno mundo se escodem dramas e sofrimento. Eu trago à luz ambas – espinho e flor – busco promover a solidariedade, o amor e a compreensão para meus companheiros de sofrimento hanseniano e os pobres. Falo da alegria e da paz que a natureza me inspira. Falo com Deus em minhas orações poéticas. E falo algo também sobre a doença, a fim de esclarecer aos que vão me ler. As suas reflexões. (VILLACHÁ, 1991, p.7).

O escritor Lino Villachá, deixa claro a sua religiosidade. Por meio de suas preces poéticas, relata uma conversa com Deus, em busca de forças para ser a luz de seus companheiros, como encontramos nesta oração:

[...] Eu vos peço, meu Deus,
que eu caminhe firme
e feliz do lado iluminando
a vida dos meus amigos,
segundo as pegadas do bem recebido
numa trajetória de paz [...]. (VILLACHÁ, 1991, p.14).

As preces que Lino relata em sua biografia, entendemos como uma súplica a Deus, um grito de socorro para ter ânimo em prol daqueles que estão no hospital São Julião, um cântico de agradecimento aos amigos, à vida e à natureza.

Lino Villachá nunca considerou as suas obras, como literárias, porém ele as escreveu com o intuito de mostrar como era a vida de um hanseniano e para ter um porto seguro em seu momento de solidão, buscava na arte de escrever um alento, uma válvula de escape para tanta adversidade com a qual se deparava naquele leprosário.

Segundo a professora Zilberman:

Jean-Paul Sartre, em que é a Literatura? Posiciona-se diante da questão a partir da diferença conceitual entre prosa e poesia (SARTRE, 1993). De acordo com o pensador francês, a linguagem da poesia caracteriza-se por sua opacidade, fechando-se sobre si mesma, definição que, é apresentada em uma obra publicada em 1948, antecipa de certo modo a concepção que, em 1960, Roman Jakobson expõe no ensaio “Linguística e poética” (JAKOBSON, 1969). Portanto já, à poesia, Sartre opõe a prosa, que é transparente, dando conta de imediato de seus propósitos. Para Sartre, essa diferenciação repercute sobre a atuação do escritor: o poeta debruça-se sobre seu fazer artístico sem outras preocupações; da sua parte, o autor que se situa fora do domínio da poesia cria uma obra voltada à denúncia

dos problemas experimentados pela sociedade. Ele se mostra, pois, criador de uma obra engajada, fruto de seu fazer responsável, dado seu comprometimento com o mundo social. (ZILBERMAN, 2012, p.164).

Zilberman aponta para a diferenciação que reflete no desempenho do poeta, em escrever uma literatura voltada para a denúncia dos problemas que a sociedade vivencia, uma obra engajada com o mundo social. Todavia Lino Villachá, também se tornou um ícone de esperança para as pessoas que ali estavam, que ali chegavam, baseando-se nisso produziu obras também voltadas para o fazer social.

A representação que a sua literatura expõe, origina a transformação da sua obra em um marco, um signo e em um instrumento, a qual promove comunicação e a interação junto às poesias, crônicas, poemas, cartas e reflexões.

O escritor “poeta da esperança” escreveu uma poesia, o interessante desta inspiração intitulada “Litania Sertaneja” do livro *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá* escrito por Antonio Lopes Lins (1977). Lino Villachá, não se apropria da norma culta, como podemos ver no exemplo na frase desta sua poesia, "Como ocês são burro"

Litania sertaneja

Sinhô meu Cristo
Eu sei qui o Sinhô
nun tem curpa disto,
mais as veis
eu agarro chorá...

Tô aqui veio i duente
mais u pió pra gente
num é isso, não.
U Sinhô bem conhece
o quanto perece
esse coração...

Num sô covarde,
a curpa é dessa a tarde,
desse céu de queimada
azulando as mataria;
Minha Virge Maria,
e os canto da siriema
inté fais pena
a soldade qui dá!

Entonce em agosto
nas premera truvuada
rebetano nas quebrada,

quase num guento:
uma coisa apreta dentro
i eu pego a gritá...

Agora a véia carreta
tá de vara alevantado,
mais os boi carrêo
dessa alma di boiadêro
tão pastano distante...

Sinhô meu Jisuis
pregado nessa cruz
tem dó di mm !
Num dexa a soldade
mi dá cabo ansim...

Sinhô meu Cristo
Eu sei qui o Sinhô
nun tem curpa disto,
mais as veis
eu agarro chorá...(LINS, 1977, p.83 – 85).

Lino Villachá, em quatorze de julho de 1977, utilizou nessa poesia uma variação linguística, para retratar alguém do interior, de pouco estudo, da roça, também nos versos da 3ª e 5ª estrofes podemos encontrar a natureza, aspectos regionais e culturais do Estado de Mato Grosso do Sul - MS, mostrando como o poeta Lino Villachá retratava muito bem esses aspectos.

Na “*Canção do Leproso*”, citada abaixo é possível notar a representação da Hanseníase do escritor Villachá, tais como: dor, o sofrimento, o abandono, não só do corpo, mas da alma também, um descaso para essas pessoas que ali viveram como internos do antigo leprosário.

Canção do leproso

Eu venho de longe,
de outras eras,
trazendo na alma
e no corpo marcado,
mutilado, doído
e também no coração
um grito do além...

Trago da Idade Média
os vestígios e as lendas
de tremendas tragédias.
O ruído dos guisos da multidão
de doentes gemendo
e arrastando no chão

a poeira de estradas sem fim...

E assim tão cansado,
gemendo e chorando sozinho,
vou pelo cominho espantando
aqueles que me vêem ...
Eu, porém, vou levando,
na minha lembrança
uma esperança agarrada,
que não largo jamais... (Villachá, 1973, p. 31 e 32).

Fica evidenciado em suas obras, que Lino Villachá foi reconhecido em tudo que fez por pessoas que estiveram, passaram e transformou aquela antiga colônia no renomado hospital que temos hoje em cidade de Campo Grande, capital do MS.

A luz que se acendeu.

Senhor:
ninguém me aceita.
Todas as hospedarias
estão fechadas para mim.
Todas as portas se fecham
ante a minha presença...

Sou leproso.
meu coração é
uma choupana,
-- a ruína que eu estou.

Dores e sofrimentos
minha vida só me tem dado.
me arrasto no chão,
porque não posso mais andar.
Desde que adoeci
vivo morrendo.
Já quase não tenho mais
o que morrer...
Mas quando alguém, nesta choupana
me estendeu a mão,
uma luz dentro de mim se acendeu.

Uma doce luz:
todas as estrelas do céu,
todas as galáxias do infinito
ficaram vazias de astros...e
e naquele momento tão feliz
daquele abraço
mil anjos cantaram hosanas dentro de mim
Mil.

Não sou digno
de que tenhas nascido
na minha morada,

mas nasceste.
Obrigado, Senhor! (Villachá, 1976, p. 17 - 18).

Na poesia acima, mais uma vez, ao lermos vemos retratada uma profunda tristeza, solidão, dor, a angústia e sofrimento causado pela tal doença. Usa um título bem paradoxal, em relação a sua escrita, e somente no último verso, que o poeta fala de nascimento, assim, fazendo alusão ao título de sua poesia. Podemos averiguar traços de um texto autobiográfico, o eu/narrador repleto de subjetividade e a presença do eu/poético por meio da escrita dessa poesia faz um clamor a Deus, sobre a sua situação de hanseniano.

Villachá deixou a sua produção literária para todos que tiverem a oportunidade de ler as suas obras, um exemplo de como podemos nos portar diante da adversidade e que mesmo estando nessas condições precisamos estar dispostos a lutar, a viver e principalmente sermos cada vez melhor um para com os outros, como está escrito nas Sagradas Escrituras no evangelho de Marcos 12:33 “E que devemos amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo”, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.

A natureza, o inspirava muito e desse ambiente tirava o autor belíssimas palavras, com uma sensibilidade colossal para expressar seus sentimentos e para relembrar a sua infância, como podemos constatar neste fragmento da reflexão sob o título *A árvore do rio* (1979). “Era uma árvore velha e nodosa que se debruçava na beira do rio aquela velha árvore de minha infância. E de seus galhos, nós, os meninos, alegres, pulávamos na água onde costume nadar”.

Lino gostava muito deste lugar, o da árvore, porque podia ver o pôr do sol chegar ao seu quintal, enquanto pescava, antes de ir para a sua casa. E o poeta ainda fez um poema de agradecimento com esse título também:

Obrigado, meu Deus, pela água que bebemos,
pela luz que clareia a nossa casa
e agradeço-vos também pela vida,
pela amizade
e vos louvo pelo vosso amor
e misericórdia para comigo,
o mais pequenino dos vossos filhos.
(VILLACHÁ, 1991, p.48).

A humildade no coração de Lino era algo visível não só em sua pessoa, mas sim também na forma de escrever, vivendo em uma situação de sofrimento e dor e Lino se assemelha não nesse quesito com o personagem bíblico Jó, em agradecer a Deus mediante o seu sofrimento.

3.1 As correspondências do escritor como ensaio poético

Em sua estadia forçada no hospital, o autor conheceu pessoas que foram muito especiais para todos internados daquele ambiente, então com isso, ele escreveu e deixou como agradecimentos, crônicas, saudações, reflexões e poemas dessas pessoas. Lino, no primeiro momento diz que traz uma recordação fiel dos sentimentos sobre eles, que os guardam nos seus corações. Queremos no momento relembrar sobre gênero textual, destacamos que, como uma referência conceitual e metodológica, este estudo interage com a perspectiva de Marcuschi (2000), que afirma que:

O gênero é uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico. O gênero tem uma existência real que se expressa em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas, tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, instruções de uso, outdoor, etc. São formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é linguística, mas de natureza sociocomunicativa. Poderia dizer que os gêneros são propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para o produtor e o receptor. (MARCUSCHI, 2000, p.18).

Com base dessa concepção e na perspectiva deste trabalho, pressupõe-se a sociedade em suas práticas comunicativas, para colocar a língua em funcionamento e mais especificamente os discursos materializados em textos, elabora e atualiza gêneros textuais de modo que estes respondam às necessidades comunicativas dos indivíduos. Uma longa história há, com o ensino da língua materna, que irá influenciar o texto, o autor e o interlocutor no uso da linguagem e seu ensino, voltando-se para o ensino aprendizagem de diferentes gêneros textuais como afirma Silva (1995):

Na verdade, o que se aprende (ou se deve ensinar) a escrever são os gêneros discursivos que correspondem a atividades discursivas reais e concretas que o sujeito pratica no universo social em que está inserido. Desse modo, parece evidente que, para se apropriar da linguagem escrita, em seus processos diversos de funcionamento, que ocorrem e se manifestam sob a forma de texto, não basta uma prática escolar de escrita cuja diretriz se dá por meio de um tema qualquer e por indicação de tipos textuais. Escrevem-se, entre outras coisas, cartas, convites, diários, contos, crônicas, procuração, declarações, lista de compra, etc. São essas diferentes práticas de escrita, que figuram na sociedade, com usos e funções sociais diferentes, é que devem constituir o objeto de aprendizagem de língua na escola (SILVA, 1995, p. 202).

Nas produções literárias do escritor Lino Villachá, encontram-se as mais diversas situações vivenciadas pelo próprio autor, a escrita surge como uma atuação do social, do cognitivo e a das interatividades, nas quais tomam forma e vida dentro dos gêneros textuais, impossibilitando que a língua e a realidade social sejam algo pronto, objetivo e acabado, isso porque está sendo construída pelos autores e atores de uma sociedade. O gênero bordado é o gênero textual carta epistolar e em especial cartas pessoais. Sabemos que há uma estrutura padronizada para essa tipologia de gênero e Vilarinho (2017) descreve como é:

O assunto é livre, geralmente de ordem íntima, sentimental. O tamanho varia entre médio e grande. Quando é pequeno, é considerado bilhete e não carta. O tipo de linguagem acompanhará o grau de intimidade entre remetente e destinatário. Portanto, cabe ao escritor saber se pode usar termos coloquiais ou mesmo gírias. Quanto à estrutura, a carta pessoal deve seguir a sequência: 1. local e data escritos à esquerda, 2. vocativo, 3. corpo do texto e 4. despedida e assinatura. Como o grau de intimidade é variável, o vocativo, por consequência, também: Minha querida, Amado meu, Querido Amigo Fulano, Fulaninho, Caro Senhor, Estimado cliente, etc. A pontuação após o vocativo pode ser vírgula ou dois-pontos. Assim também é em relação à despedida, a qual pode variar entre Atenciosamente, Cordialmente, etc. até Adeus, Saudades, Até em breve, etc. Quanto à assinatura, pode ser desde só o primeiro nome até o apelido, dependendo da situação. Caso se esqueça de dizer algo importante e já tenha finalizado a carta é só acrescentar a abreviação latina P.S (post scriptum) ou Obs. (observação). (VILARINHO, 2017, p.10 – 14).

Mediante essa estrutura, podemos averiguar muitas situações, tanto do interlocutor quanto do receptor, na qual, como podemos observar a estrutura acima citada por Vilarinho, nas cartas e saudações que o “poeta da esperança”, escreveu para diversas pessoas, durante o seu exílio no Hospital São Julião.

Lino Villachá não tinha costume de responder em particular as cartas que recebia, mas procurava passar aos seus destinatários, sempre o lado bom das situações adversas. Os assuntos abordados pelas suas cartas eram de agradecimentos por ter recebido algo ou donativos para o hospital, recebendo felicitações por aniversários, por reconhecimentos ou de convites para participar em eventos. Mas também tinha a parte triste, pois enviava cartas aos familiares, quando um dos internos falecia no hospital.

Ao lermos esta carta deparamo-nos com uma linguagem simples, comparações retiradas da natureza. O autor utilizava de meios concretos de exemplos práticos, extraindo um ensinamento para uma vida toda, para exemplificar e fortalecer a alma. Lino sabia como manusear as palavras, expressar a mais bela esperança, fazia menção que nossa vida é uma luta, e, realmente é, que cada luta é uma forma de viver e de não estar morto em vida.

O poeta se apropriava de parábola, uma metodologia, uma didática que encontramos nos primeiros livros no Novo Testamento da Bíblia. Este método era usado para ensinar, contextualizar algum assunto, quando era necessário passar alguma mensagem, ou ensinamento. A carta citada abaixo, que está no Livro *“Uma Janela para os pássaros”* (1986), é bem clara sobre como Lino Villachá, usava as metáforas e as comparações, principalmente de elementos da natureza para responder e explicar certas indagações, como vemos no 2º parágrafo nas últimas linhas, também é visível no início do 3º parágrafo e assim sucessivamente.

Carta 1 - Livro *“Uma Janela para os pássaros”* (1986).

Prezada amiga Lúcia Maia

Muito pouco escrevo às pessoas em particular, mas sua carta eu quero responder. Espero que se lembre de mim: sou aquele a quem você escreveu faz tempo.

Para iniciar, devo dizer-lhe que, embora pareça terrivelmente monótono viver numa cadeira de rodas e estar sempre internado, não é bem assim: o céu é o mesmo de sempre, mas nunca amanhece igual.

As folhas de muitas árvores estão caindo agora. É gostoso ouvir seu farfalhar, ainda que nos tragam lembranças mortas, sonho desfeitos. Como elas, também o sofrimento fortalece as nossas raízes. Quando vieram as primeiras chuvas de agosto, dissipamos névoas tristes, as folhas caídas somarão à terra novo vigor. E os galhos nus se cobrirão de um novo renascer...

“*Quanto tempo faz que você está aqui?*”, sempre me perguntam. Não sei porque isso é tão levado em conta, se o que é mais importante é o que faço do tempo que me é dado viver.

Isto aqui é o meu mundo, o meu lar. Aqui tive consciência de meu destino como ser. Aos poucos aprendi que, como hanseniano e aleijado, para me fazer presença na vida dos amigos, era preciso correr por fora, abrir meu próprio caminho.

De que vale a vida se não é para que a semente que a gente traz enterrada no peito, aflore? E como toda semente, tem obstáculos a vencer até encontrar a luz, e assim ser vida na estrada de alguém. Embora minha tenha vindo entre rodas, nem por isso vou deixá-la sucumbir. A crueza dolorosa das pedras não se transformam à luz da Providência Divina em húmus vivificante? Também com fé e amor, desta fenda de sofrimentos ergo minha flor...

Vida é luta. Ficar com ela na mão, nem que seja um toquinho de vida, e não querer avivá-la, chegar lhe terra e carinho nas raízes e abrir-lhe um espaço para o Sol, é já estar morto em vida. Eu sinto que os valores que agora tenho, me vêm justamente da experiência deste caminho. Se o meu destino fosse diverso, não teria as riquezas que agora tenho. Então são os caminhos que fazem as pessoas?

Eu sei que a abelha e a vespa sugam as mesmas flores, mas não fazem o mesmo mel. No entanto, são as situações, a luta, as pessoas que encontramos em nossa estrada, e a esperança vivenciadas que moldam o nosso ser.

Não, não existem caminhos suaves. Não creio que o meu seja o pior. Bem sei que por toda parte caminham seres prisioneiros de si próprios, solitários em suas celas ambulantes. Outros trancam-se sob montanhas de riquezas e bens materiais, esquecendo-se (como bem disse Pe. Arturo Paoli) que os vazios do coração só se enchem como amor e há, quem já cansado das riquezas, só busque glória e poder, enchendo o peito de condecorações e impondo seu nome a todas fachadas, quando seria melhor colocá-lo no coração das pessoas. Muitos almejam fama e, ao alcançá-lo, sentem-se mais só, porque nem de livre vontade podem ir ao bar da esquina...

A verdade é que, na hora da dor e da infelicidade, nem a maior sabedoria do mundo ou todos os títulos ou diplomas – (ensina-nos Luigi Rochi) valem um anto de bondade humana. Eis que, no sofrer, somos todos iguais: sofre o pobre e na hora avassaladora da sede tanto vale o copo d’água de uma pessoa humilde como o de alguém de nível elevado.

Com estes pensamentos, deixo-lhe aqui minha gratidão pelas palavras de incentivo e consideração que me enviou. Um grande abraço à “vó” Giselda que, na verdade, é mais jovem que muitas pessoas que conheço.

Sinceramente, (VILLACHÁ, 1986, p. 56).

Nesta carta, o autor responde a uma pergunta, sempre feita a ele e a sua resposta foi de uma magnitude de espírito, que somente uma pessoa de um nível elevado de aceitação, conhecimento e o principal, amor ao próximo, poderia dar. Villachá afirma: “[..], se o que é mais importante é o que faço do tempo que me é

dado viver”. (VILLACHÁ, 1986, p. 55). O poeta enfatiza que, ali era seu mundo e o seu destino como ser humano.

Lino escreve com sutileza nesta sua correspondência, usando figuras de linguagem para representar o seu sofrimento, as dificuldades, a sua situação como um portador da hanseníase e a importância do papel das pessoas em sua vida e a do poeta na vida das outras pessoas, como podemos confirmar: “Eu sei que a abelha e a vespa sugam as mesmas flores, mas não fazem o mesmo mel. No entanto, são as situações, a luta, as pessoas que encontrarmos em nossa estrada, e a esperança vivenciadas que moldam o nosso ser”. (VILLACHÁ, 1986, p. 55).

A sociedade que o escritor Lino Villachá pertencia era distante do centro urbano, também eram esquecidos, desde a família até as autoridades da época. Então, a literatura que Lino produzia, além de ser um suporte para as suas angústias, era também para relatar os acontecimentos da sociedade, através do seu olhar, um olhar de quem sabia muito bem como era o cotidiano do Hospital São Julião. A literatura aproxima as mais diversas áreas, tendo um olhar de um determinado grupo da sociedade. Conforme Facini:

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. (FACINI, 2004, p.25).

O autor e a sua obra dentro de um tempo e espaço, apresentam ao leitor um mundo de informações, isso se faz necessário, seja assim, como sofre a ação do meio em que é produzida, agindo sobre ele, atuando como elemento de reflexão crítica dos valores sociais. É nessa ótica que Cândido (2000) afirma que a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio de comunicação e a linguagem é criação social. Observa ainda, que o conteúdo social das obras em si próprias e a influência que a literatura exerce no receptor, fazem dela um instrumento poderoso de mobilização social diz Antonio Candido:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. [...]. Na medida em que arte é – um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, a obra, o autor e o público, que formam um tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] Mas (a) verdade básica é que o ato completo da linguagem depende da interação das três partes, cada uma das quais, afinal, só é inteligível (...) no contexto normal do conjunto. (CANDIDO, 2000, p. 33,34).

Podemos, então, dizer que a literatura contribui para incitar o homem, enquanto sujeito social, portanto na leitura crítica do texto literário, pois a criticidade é o caminho para que o ser humano alcance sua cidadania.

A literatura que Lino Villachá escreveu é voltada para dar sentido, amenizar o seu sofrimento e dos hansenianos que ali estavam ou chegavam. Na escrita de Lino podemos perceber que ele faz para trazer alívio às suas dores, as suas aflições, para comungar a Deus pedindo força e agradecer também, por estar ali e por pessoas que fizeram ou doaram algo ou seu tempo para a causa do Hospital São Julião. O seu escrever era de uma singeleza impressionante, mas que tocava no mais profundo da alma, daquele que entram em contato com as suas obras, isso é tão evidente, que a sua poesia adentrou aos portões das prisões levando força e esperança, como podemos ler e ver nesta carta do autor que está no livro *Uma Janela para os pássaros (1986)*, direcionada ao seu amigo Lincoln:

Caro amigo Lincoln.

É a primeira vez que alguém me escreve da prisão. Fico feliz por minha poesia lhe ter dado forças.

Parece que as dores do sofrer são iguais em toda parte; diferente apenas é o jeito de apanhar... Você está atrás das grades, e eu vivo preso a uma cadeira de rodas... mas você tem braços, você tem pernas, boa saúde, mocidade e uma cabeça boa para pensar. Riquezas sem preço!

De uma certa forma, somos todos prisioneiros de alguma coisa: de culpas. Preocupações, responsabilidades. Tem nego aí pelas ruas arrastando pesados grilhões... porque, liberdade mesmo, é um bem interior, não coisa física, de se ir, de se voltar.

Por outro lado, desde que nascemos, todo mundo vai perdendo felicidade pelos caminhos, Vai -se desfolhando pelas tempestades e sofrimentos, mas a gente pode ir fazendo renascer folhas novas... O importante é não ficar chorando aquilo que perdermos, mas fazer valer o restante que ficou – porque é daí que a vida renasce.

Sabe, meu caro Lincoln, estou certo de que a liberdade não é uma questão de grades, mas de se transformar a liberdade do tempo que nos é dado viver – seja em que lugar estivermos – em lua e vida assim como a chama de um lampião, prisioneira de uma redoma de vidro lança pela janela um fecho de luz na estrada, alumando a porta de uma casa e o caminho dos outros...

Um grande abraço a você e saudações a seus companheiros, É me um tanto custoso escrever cartas, por causas de minhas responsabilidades, por isso demorei em responder. Embora as palavras não estivessem no papel, faziam-se presentes no coração.

Cordialmente. (VILLACHÁ, 1986, p.57).

Mais uma vez, Lino Villachá se utiliza da comparação para aproximar a amargura e as dores que temos na vida, são como estar levando uma surra, como se fosse uma punição, igual ao pai que está castigando o seu filho, por algo que ele cometeu de errado. O autor não para, continua comparando a sua vida de cadeirante a uma prisão, falando estar preso nela e qualifica ter braços, pernas, saúde e cabeça boa são riquezas imensuráveis, como está escrito na 2ª estrofe nas últimas linhas da carta acima citada, na qual ele só não tem as pernas, fala ainda que todos somos prisioneiros de algo e que há pessoas livres, mas com grilhões pesados em sua consciência, estar livre é de espírito e não uma questão só de poder se locomover, ir e vir, mas sim ter paz em seu coração.

Destacamos em suas cartas a religiosidade. O autor se apropria deste conceito, trazendo à tona essa vertente como uma conversa, um aconselhamento, até mesmo um desabafo como um porto seguro para aturar as dificuldades causadas pela doença, no seu corpo e em seus amigos. Lino Villachá, dentro das suas reflexões, aborda que é sempre difícil encontrar palavras de consolo e ânimo para aquele que como ele precisa conviver com parte da vida amputada, limitar-se ao mundo numa cadeira de rodas ou a um deserto branco de um leito.

O autor expõe em seu texto intitulado “*Buscai e Achareis*”, que sempre quando o desânimo o atinge, logo procura a fonte, essa que está oculta em nosso interior, a qual nos motiva e dá vontade de viver. Essa sensação de querer viver, de doar a si mesmo em prol dos alheios, para se sentir útil, ser necessário à

comunidade, e Villachá diz mais, “não permita que os pássaros da tristeza façam ninhos em sua cabeça, assim como o ácido da revolta e do ácido queime o seu coração.” Villachá (1986, p. 50).

Lino, em sua simplória sabedoria utilizava de termos, partes, passagens e até de história da *Bíblia*, para exemplificar, explicar e com isso conseguiria alcançar o maior número possível de pessoas, que estivessem precisando de uma palavra de conforto ou auxílio. Procurando mostrar a essas pessoas, que todos passamos pôr situações adversas. Em seus escritos, Villachá abordava muito os elementos da natureza, tais como: chuva, ventos rios, insetos e pássaros, com isso ele conseguia, expressar, amor, fé, conforto, compaixão para todos que com ele viviam no hospital São Julião, uma forma de trazer, apresentar alento aos portadores da hanseníase.

3.2 O eu lírico na poesia de Lino Villachá

*Porque hei de deixar
que minha existência se esvaia
como areia entre os dedos?
Ainda que breve como uma flor,
ou eterna como uma estrela,
viver é ser fazer presente!
Mesmo que me reste
um toquinho de vida,
ainda assim a vela
alumia o caminho
**Lutar para ser vida para os outros
é o que dá sentido à vida.***

(Villachá, 1986, p.34)

A lírica que nos deparamos nas obras deste autor é apresentada por uma linguagem que nos remete a um cenário rústico, de paz, à natureza e a religiosidade, porém com muito sofrimento, em um lugar que aparentemente

enclausurado do movimento do mundo. O reconhecimento de Lino Villachá, sem dúvida se concretizou pela sua experiência como hanseniano, com a dor, com a melancolia e com a nulidade do mundo, em que o seu ponto de partida foi a sua própria realidade.

Pelos diversos ângulos de sua escrita, encontramos uma vida entremeada por lutas, fraquezas e vitórias, exposta por sensações profundas reveladas pela poesia, que surge constantemente em seu espírito. Na atuação do escritor, nos deparamos com a pretensão em valorizar permanentemente os companheiros internados, Lino era também um interno no São Julião, sofria, convivia e conhecia a realidade do hospital naquela época, e Villachá em suas orações poéticas, lembrava-se de todos.

Contudo, era visível o estigma daquela doença que os pacientes carregavam, assim, refletia para aquela sociedade, causando não uma relação interpessoal, mas uma segregação. E em seu livro *Minhas flores de flamboyant* (1991), Villachá escreve vários relatos que evidenciam como a hanseníase era concebida na sociedade daquela época. Vejamos no fragmento a seguir.

[...] quando a doença caiu sobre ele
como uma desgraça.
Deixou a mulher e a casa
na esperança de logo voltar
e veio para o hospital.
Já ia ficando bom, quando a mulher lhe escreve
uma carta doída
como um punhal,
dizia que aquela doença
era incurável e havia
de contaminá-la. [...]
(VILLACHÁ, 1991, p. 52).

As imagens que as leituras nos revelam, da poesia, contos crônicas, cartas, poemas e poesias que encontramos em seus livros, colocam todos que têm contato com a obra literária, em uma dimensão de solidão, de abandono, porém de esperança, fé e vida entre os que estão naquele ambiente, quer sejam pacientes ou não.

Entretanto, o autor Lino Villachá não considera as suas obras, literárias, e sim, sem pretensões literárias, porque não apresenta regras poéticas a ser seguidas. Lino declara-as como “Textos Poéticos Livres”, sentido de liberdade,

devido ao amor e à esperança em seus livros, não há palavras para se medir tais sentimentos, refletido em uma vida de 40 anos de total dedicação aos italianos, alemães, bolivianos, colombianos, peruanos paraguaios e brasileiros de todo o Brasil, no hospital São Julião. Portanto, todo este relato acima. Segundo Tezza (2003), define a poesia da seguinte forma:

A própria ideia de que poesia possa ser definida - e certamente pode, como qualquer outro objeto da cultura – já implica, é claro, uma moldura teórica, uma concepção de linguagem, uma visão histórica, um pressuposto estético e daí por diante. (TEZZA, 2003, p.254 - 257).

Tezza em seu texto faz a seguinte pergunta: “para que serve a poesia?”.

O fato de que ela não pode ser definida pelo seu uso. Ele acrescenta ‘Se ela comemora um evento público, ou celebra um festival, ou adorna um rito religioso, ou diverte um público, tanto melhor, tanto melhor, mas por acaso: na concepção depurada dos poetas que estamos vendo, por certo a natureza de poesia não pode ser encontrada jamais na sua utilidade objetiva. Eis um ponto em que, por caminhos tortos e completamente descontraídos, a alta poesia se encontra com a intuição popular: a ideia da poesia como linguagem ornamental é forte no imaginário (TEZZA, 2003, p.254 - 257).

Deste modo, não é somente treinar e ir escrevendo poesia. Porém, todas essas cobranças e regras levam o poeta a se libertar de questionamentos inúteis como afirma Borges (2000):

Por exemplo, se preciso definir poesia, e se me sinto um tanto hesitante, se não tenho muita certeza, digo algo como: “Poesia é a expressão do belo por meio de palavras habilmente entrecidas”. Essa definição pode ser boa o suficiente para um dicionário ou um manual, mas todos sentimos ser bastante frágil. Existe algo muito mais importante – algo que pode nos encorajar a desfrutá-la e sentir que sabemos tudo a seu respeito. Isso é o que sabemos ser poesia. Sabemos tão bem que não podemos defini-la em outras palavras, tal como não podemos definir o gosto de café, a cor vermelha ou amarela nem o significado da raiva, do amor, do ódio, do por-do-sol ou do nosso amor pela pátria. Essas coisas estão tão entranhadas em nós que só podem ser expressas por aqueles por aqueles símbolos comuns que partilhamos. Por que precisaríamos então de outras palavras. (BORGES, 2000, p. 26,27).

Entender a poesia seria como um item do lado da natureza, e o outro do lado da cultura, compreendê-la como textos impressionistas. Porém, já a definição mais

fria, menos poética, seria o lado do senso comum que todos conhecem, como retratos das histórias de nações e de suas culturas.

Lino vivenciava a cultura dos pacientes do hospital São Julião e segundo o filósofo Cioran (1988) pressentia que os poetas avançariam sobre o assunto científico.

“A poesia é ameaçada quando os poetas demonstram demasiado interesse teórico pela linguagem e a transformam em tema constante de meditação, ou quando lhe conferem um estatuto excepcional, que diz menos respeito à estética que à teologia”. (CIORAN, 1988, p.62).

Definir poesia é colocar um limite em suas extremidades, primeiramente precisamos é ter uma imagem, uma representação da poesia, e assim transformá-la em algo concreto, e segundo T.S. Elliot (1967) nos leva ao início para construirmos essa imagem.

A poesia não deve, é claro, ser definida pelos seus usos. (...). Ela pode operar revoluções na sensibilidade tais como são periodicamente necessárias; pode ajudar a quebrar os modos convencionais de percepção e avaliação que estão perpetuamente se formando, e fazer as pessoas verem o mundo renovado, ou alguma parte nova dele. Ela pode nos tornar, de tempos em tempos, um pouco mais conscientes dos sentimentos mais profundos e inefáveis que formam o substrato do nosso ser, no qual raramente penetramos, porque nossas vidas são na maior parte do tempo uma constante evasão de nós mesmos, e uma evasão do mundo visível e sensível. Mas dizer tudo isso é apenas dizer o que você já sabe, se você sentiu a poesia e pensou sobre seus sentimentos. (...) Se, como James Thomson observou, “os lábios apenas cantam quando não podem beijar”, pode ser também que os poetas falem quando não podem cantar. (ELLIOT, 1967, p.156).

Os elementos que conseguimos dessa imagem, é uma sequência ativa que irão encontrar em quaisquer definições da poesia historicamente, Brodsky (1995) fala que a literatura começou com a poesia, como a canção de um nômade, o fato é que a poesia é mais velha do que a prosa e assim cobriu uma distância maior; portanto definida e constituidora é a imagem que Paz (1996) nos dá por meio do ritmo e poesia:

O ritmo não só é o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem. Assim, todas as expressões verbais são ritmo, sem exclusão das formas mais abstratas ou didáticas da prosa. Como distinguir, então, prosa e poema? Deste modo: o ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se realiza plenamente. Sem ritmo, não há poema; só com o mesmo, não há prosa. O ritmo é condição do poema, enquanto que é inessencial para a prosa. (PAZ, 1996, p.78).

Sendo o ritmo, o elemento mais antigo da linguagem, a poesia nasceu desse, conduzindo a ser um mistério pela pré-escrita, por outro lado, um conceito forte e contínuo da poesia, essa como uma opção ao mundo da razão. Embora argumente Friedrich (1996, p.14) “a poesia pode comunicar-se, ainda antes de ser compreendida”. Como conclui Tezza (2003, p. 254-257) “Historicamente, a primeira tentativa moderna de definir poesia de um modo sistemático, entendendo-a tecnicamente como um fenômeno da linguagem e, portanto, apreensível a partir da natureza linguística da palavra”.

O filólogo alemão Hugo Friedrich em seu livro *“Estrutura da Lírica Moderna da metade do século XIX a meados do século XX”* aborda sobre:

A Lírica europeia do século XX, sendo que essa traz, uma fala de forma misteriosa e não clara, porém de uma produtividade admirável, por meio de diversos autores, cuja seus escritos mostram que a força da expressão lírica, não é inferior à força de expressão da filosofia, do romance, do teatro, da pintura e da música. Com esses poetas, o leitor passa por uma experiência que o conduz – também ainda antes que se perceba disto – muito próximo à característica de tal lírica. (FRIEDRICH, 1978, p. 15)

As literaturas desses poetas possuem uma obscuridade que fascina o leitor, essa incompreensibilidade de fascinação pode ser chamada de dissonância, esta é portadora da desordem que é válida em toda extensão também para a lírica e para Baudelaire: “Existe certa glória em não ser compreendido” Friedrich (1978 apud BENN, 1951, p.16).

Poetizar significa: “elevar as coisas decisivas à linguagem do incompreensível, dedicar-se as coisas que tiveram o mérito de que não se venha a conversar.” Friedrich (1978, p.16).

Diante desta afirmação, há três possíveis formas de comportamento da composição lírica que são elas: sentir, observar e transformar; a poesia moderna domina essa última. A lírica é tida como a linguagem do estado de ânimo, da alma pessoal e este estado é um recolhimento, indica distensão, na qual o homem compartilha, mesmo que solitário com todos aqueles que conseguem sentir.

Sendo assim, o estado da alma do poeta Lino Villachá é como ele mesmo apresenta neste poema:

A poesia

A poesia prende o instante
da eternidade que passa por nós,
com quem prende nas mãos
um pássaro fugidio e transforma
os momentos fugazes de uma flor,
um raio de luz, um sorriso
em algo vivo para sempre...

A poesia torna os sentimentos vivos
numa borboleta que passa, numa
gota de orvalho que o sol agora mesmo apagara.
A borboleta se foi, mas seu espírito
ficou preso nos braços de um poema e
a gota de orvalho não secou – e agora uma
lágrima nos olhos da amada...

O poeta nos seus sentimentos dá vida às coisas...
Fazer poesia é pintar uma imagem
Com cores dos nossos sentimentos...
O poeta é um pintor que usa pincel das palavras e a
Tinta dos sentimentos...(VILLACHÁ, 1994, p.29).

Neste poema, há os versos livres e brancos, a subjetividade, a utilização dos elementos da natureza, a sensibilidade, principalmente quando o autor inicia cada uma das três estrofes. Assim, a última estrofe é uma asseveração sobre o poeta e a forma de poetizar.

Segundo Hugo Friedrich (1978):

A poesia é um processo não nas coisas, mas na linguagem. Ele ocorre num momento particular que, por sua vez, também relega os objetos de sua presença. [...]. Descobre-se a possibilidade de criar um poema por meio de um processo combinatório que opere com os elementos sonoros e rítmicos da língua como com fórmulas mágicas. (FRIEDRICH, 1978, p. 50).

O ajuste que existe entre os sons e as rimas, encontrado em poesia é igualmente ao processo de não entender a sua construção, que a linguagem nos permite contemplar. Sendo assim, a poesia é um quadro concluído em si próprio (FRIEDRICH, 1978, p.51).

Na poética de Lino Villachá, quando nos debruçamos para lê-las, somos levados pela bela magia, à da linguagem, entonação, inspiração, caminho, ainda que sem forma, como constatamos neste poema de Villachá (1994):

A pequena flor

Correndo feliz pelos verdes campos,
que frontejam nossa casa,
Bijouzinha e Tutti Frutti
entram numa touceira de capim
e vêm de lá.
Nas palminhas das minhas mãos,
um minúsculo raminho
de um pequena flor e bela
florzinha amarela,
de nossas imensas savanas,
Oh! como gostaria de ter
esses dons
maravilhosos das crianças
e encontrar no emaranhado
da vida das pessoas, às vezes
tão cheia de espinhos,
aquela florzinha cor do sol,
perdida e esquecida
pelo mundo ignorante,
que só vê os bagulhos!
Ah! eu queria poder
sair cantando em enxurrada,
como os loucos, as pedrinhas
para fazer com elas
uma escultura de luz..
Descobrir por aí
peninhas coloridas
para enfeitar uma linda
coroa de rei
e tornar os pobres e a vida
mais alegre,
vida que tem que ser uma festa.. (VILLACHÁ 1994, p.33, 34).

No livro *Ser O Tempo da Poesia* (1977, p.138) o escritor Alfredo Bosi ressalta:

A poesia vista como uma técnica autônoma da linguagem, posta à parte das outras técnicas, e bastando-se a si mesma: eis uma teoria que estende à

prática simbólica o princípio fundamental da divisão do trabalho e o exalta em nome da maior eficiência do produtor. (BOSI, 1977 p.138).

A citação acima é clara sobre a questão do método independente da linguagem, neste escrito poético de Lino Villachá, “A pequena flor”, sendo uma linguagem solta, encontramos essas técnicas autônomas, que é bem específica do autor.

3.3 As crônicas de Lino Villachá

“Deus, às vezes, se serve de coisas simples de nossas vidas, para nos mostrar uma verdade.”

Lino Villachá (1979)

O autor Lino Villachá, em suas obras literárias, trabalhou de forma reiterada com o gênero crônica. Com o intuito de mostrar o cotidiano dos hansenianos, dentro do hospital São Julião, por meio de agradecimentos, felicitações e histórias de vidas.

Segundo Costa (2008, p.175):

A etimologia do termo crônica está em cromos, o deus grego que simbolizava o tempo, e que os romanos denominaram Saturno. Até o momento, essa relação continua válida, porque a crônica esteve e está efetivamente relacionada com uma perspectiva temporal, seja de escolha do assunto, seja no tratamento formal desse mesmo assunto. (COSTA, 2008 p175).

Costa em seu texto esclarece que, a crônica aborda o tempo, Villachá utiliza deste gênero textual para relatar e registrar as experiências de pessoas que estiveram no Hospital São Julião.

Lino em seu livro *Luzes do meu caminho* (1979), no fragmento abaixo consegue expressar de uma forma bem realista o que um hanseniano era para aquela sociedade.

Degredados

Acorrentados pelo silêncio, exilados dentro da humanidade, que os esconde, que os renega qual chaga fétida e pestilenta, há milênios e ainda estão pagando pelo crime injusto de serem portadores de uma doença que não pediram, que jamais quiseram ou desejaram para ninguém. Sua cura, hoje, é perfeitamente possível em todas as partes do mundo e, no entanto, a cicatriz ainda é perseguida, aduada, discriminada, o que para muitos enfermos tira o alento de recuperar-se. Leproso será sempre leproso – está dito; como um sentenciado, como uma prostituta, um delinquente; não lhe dão uma chance e nem sequer acesso as repartições públicas. Degredados. Banidos. Enterrados. (VILLACHÁ, 1979, p.103).

Ao lermos as narrações citadas, sentimos a amargura de um portador do bacilo da hanseníase e de como essa doença era estigmatizante para a época. O uso deste gênero pelo poeta Villachá foi para relatar de forma poética a realidade do cotidiano no Hospital São Julião. Nas páginas das crônicas sentimos a infelicidade e a tristeza dos internos daquela instituição. E conforme Costa (2008) diz:

O posicionamento subjetivo do narrador e, por vezes, do próprio escritor é a marca mais distintiva da crônica. Essa subjetividade se manifesta no modo como a escrita releva os seus sentimentos, valores e modo de interpretar a vida. Muito frequentemente, a crônica lírica se constrói com uma linguagem figurada, em que a metáfora e a exploração da sonoridade da frase são constantes. Há também um tom e uma atmosfera nostálgicos e sentimentais que tornam as narrativas sensibilizadoras para o leitor. (COSTA, 2008, p.181).

Por meio dessa subjetividade nos poemas e crônicas, Lino transmitiu suas experiências e compartilharam mágoas e alegrias, sentimentos e aspirações; deixando mensagens essencialmente de compaixão e otimismo. Villachá com simplicidade, falou sobre os seguintes temas: paz, alegria, promoveu a fraternidade, o amor, e a compreensão e principalmente esperança aos doentes, aos pobres e aos desamparados de toda sorte.

Os mais diversos temas podem se encontrar nas crônicas escritas por Lino Villachá, que vai de contos de uma árvore, da sua vida no Hospital do São Julião, do seu grande amor, sobre pessoas que de alguma forma o ajudaram a fazer daquele ambiente um lugar adequado para o tratamento da hanseníase, como afirma Lino (1991):

Entretanto, sabemos que em 1962, o Serviço Nacional de Lepra extinguiu no Brasil a lei de internamento compulsório por considerá-la inútil, infrutífera... Provou-se que, obrigando o doente em afastar-se da família e da sociedade, isolando-o num leprosário, não diminuía em nada o índice de hanseníase no país... E tanto sofrimento por nada! E tantos lares destruídos em vão! Quantas lágrimas derramadas...Hoje, graças a Deus, tudo aquilo parece um pesadelo. Agora o clima reinante é de amizade, esperança, liberdade e solidariedade; São Julião, como os senhores percebem é agora um hospital – não um presídio, asilo ou leprosário. (VILLACHÁ, 1991, p.118).

O Hospital São Julião foi construído pelo Governo Federal da época para abrigar e curar pessoas portadoras da hanseníase, entretanto, não foi dessa forma que aconteceu no início, conforme a citação acima. O então presidente Getúlio Vargas, em 05 de agosto de 1941, inaugurou o Asilo-Colônia São Julião, ou simplesmente Leprosário, eram poucos as edificações para alojar 117 internos, ao final do ano da inauguração, conforme (VILLACHÁ, 1991, p.117).

Conforme Facini (2004):

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. (FACINI, 2004, p.25).

O autor e a sua obra dentro do tempo e espaço, apresentam ao leitor um mundo de informações, isso se faz necessário, seja assim, como sofre a ação do meio em que é produzida, agindo sobre ele, atuando como elemento de reflexão crítica dos valores sociais. É nessa ótica que Candido (2000) afirma que a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio de comunicação e a linguagem é criação social. Observa ainda, que o conteúdo social das obras em si próprias e a influência que a literatura exerce no receptor fazem dela um instrumento poderoso de mobilização social diz ele:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. [...] Na medida em que arte é – um sistema simbólico de comunicação inter-

humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, a obra, o autor e o público, que formam um tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] Mas (a) verdade básica é que o ato completo da linguagem depende da interação das três partes, cada uma das quais, afinal, só é inteligível (...) no contexto normal do conjunto. (CANDIDO, 2000, p.19, 33-34).

Podemos, então, dizer que a literatura contribui para incitar o homem, enquanto sujeito social na leitura crítica do texto literário, pois a criticidade é o caminho para que o ser humano alcance sua cidadania.

Assim, responsabilidade de uma sociedade que domine a leitura e a escrita tem por obrigação estender e garantir politicamente o domínio de tais atividades a todos os seus cidadãos e da escola. Portanto, é pela escola e pela educação que formamos leitores críticos, indivíduos com pertencimento, com múltiplos olhares capazes de trilharem pela diversidade que a vida impõe.

A obra literária é a expressão da visão de mundo, a partir da consciência possível do autor. Esse olhar apresenta um tipo de limitação, já que fica enquadrada pelas condições sociais e econômicas de uma determinada realidade histórica; da sua parte, a consciência igualmente admite fronteiras que não ultrapassam. Com essas restrições, elas migram para a obra literária, onde se apresentam de modo estruturado, coerente e convincente, podendo, pois, ser objetos de representação e compreensão. Explica Goldman (1967):

As grandes obras culturais parecem-nos precisamente exprimir nos vários planos (do conceito, da imaginação verbal, visual etc.) esse máximo num grau avançado e muito próximo da coerência. [...] As obras são assim criações a um tempo coletivas e individuais na medida em que a visão do mundo a que elas correspondem foi elaborada durante vários anos e às vezes durante várias gerações pela coletividade, mas em que o autor foi o primeiro ou pelo menos um dos primeiros a exprimi-lo num nível de coerência. (GOLDMAN, 1967, p. 33).

Assim, o autor torna-se uma espécie de porta-voz da visão de mundo dominante, ao mesmo tempo, se coloca para além desses paradigmas, pois tem condições de captá-los e representá-los. É nesse sentido que se pode afirmar que a obra não é meramente reprodutora, ou duplicadora, mas expressiva, já que se antecipa ou ultrapassa o que os demais indivíduos percebem de modo menos acabado, mesmo que mais completa e abrangente que tenha sido a percepção de

um autor, por ocasião da elaboração da obra literária, ele acaba se limitando ao seu tempo e condições sociais. Ficando assim, a obra presa ao tempo de que é expressão, por mais que o faça de um modo em que se mostra insubstituível.

Conforme Lucien Goldman (1967) a obra não reflete a realidade da história, mas também não rejeita as relações entre a literatura e a sociedade, que se dão sob a forma de uma homologia; porém a obra literária dispõe de estrutura tais como: personagens, conflitos que movem a trama, foco narrativo entre outros. Logo, para o pesquisador francês, acima citado, o que importa é que se estabeleça uma relação entre as estruturas, facultando o entendimento de uma pela outra.

Assim, podemos entender a sociedade, o modo como ela apropria-se da literatura, da mesma forma que se compreende a literatura a partir dos elementos sociais e intelectuais que se introduzem em sua estrutura. Já que uma sociedade nova gera uma arte inovadora, porém, a arte depende de uma sociedade que alimente o processo de criação, sendo que, a obra literária possui o poder extraordinário de revelar aspectos do mundo social que talvez a própria sociedade desconheça justificando a sua existência.

Assim, tal capacidade por parte da literatura, determina uma questão relativa à fonte do qual emana o conhecimento transmitido pelo texto – o escritor. Além do mais, Candido (2006) menciona a posição do crítico literário Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869) em relação ao poeta e o meio:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade". (CANDIDO, 2006, p. 22 apud BADY, 1943, p.31).

O autor Antonio Candido esclarece sobre a posição do poeta, em ter cuidado em nossos dias em delimitar os campos que a sociologia não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas sim, esclarecer alguns dos seus aspectos, com base nisso é necessário responder esta questão, qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?

Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Em resposta a essas perguntas, podemos chegar próximo a uma interpretação dialética e descobrir que consiste em

estudar. A arte é expressão da sociedade e em que medida é social, ou seja, interessada nos problemas sociais, indo mais além em que avalia certa forma de arte ou certa obra correspondem à realidade, na qual essa é a primeira tendência. Já na segunda, é verificar o social das obras com base na ordem moral ou política, pois, fica implícito que a arte deve realmente ter um conteúdo desse tipo sendo este o seu valor.

Essas tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos, para os atuais sociólogos. As ações de fatores de meio e as oscilações na obra refletem nos seres humanos, que modifica a sua postura e a concepção do mundo ou reforçando o sentimento dos valores sociais. Dentro desse contexto, a arte é vista como um elemento representativo da comunicação, sendo assim, a obra é um pronunciamento ao público que é direcionado a ela. E a expressão de realidades radicadas no artista são expressões comunicativas do fato da arte, quer seja na fase criativa ou receptiva.

No entanto, não podemos esquecer-nos de três fatores importantíssimos neste processo, que é o autor, a obra e o público, cada um desses itens tem um papel muito relevante dentro de qualquer gênero da literatura. E para abordarmos essas questões, queremos falar um pouco sobre a posição do artista, que sujeito ocupa, posição social dentro do aspecto da estrutura social e temos que verificar como é ofertado o papel específico ao criador de arte e como define a sua posição na escala social.

É frequente o narrador da crônica conduzir-se abertamente ao leitor, proferindo-o no próprio corpo do texto literário, e com ele conservando um diálogo aberto, dentro da sua sociedade. Assim, a simplicidade desse gênero é exigida pela definição do destinatário, como é constatado no trecho da crônica intitulada: *Aos visitantes do São Julião*, do livro *Conversando com Deus e os amigos* (1995) de Lino Villachá.

Querendo demonstrar sua solidariedade para com os doentes, ou mesmo apenas para conhecer as belezas do lugar, venha sem medo. Não há o que temer, não há nenhum perigo os doentes internos estão rigorosamente medicados e com a doença controlada, não oferecendo risco algum a ninguém. Por isso, São Julião é o lugar mais seguro contra a doença, hoje perfeitamente curável. Venha e desfrute de algumas horas de paz e reflexão

debaixo do silêncio e da poesia das grandes árvores... Se quiser, visite a capelinha piramidal, num aconchego com Deus. (VILLACHÁ, 1995, p.120).

Lino Villachá procura passar aos seus destinatários por meio da singeleza, que aquele ambiente é agora seguro, tranquilo e repleto de paz suprema. E, todos podem usufruir da beleza da natureza que o hospital possui. O escritor Villachá, na sua comunidade, por meio de suas narrativas poéticas registrava os acontecidos daquele ambiente.

O lirismo reflexivo, nas obras literárias do “poeta da esperança” diz respeito à expansão poética e de aforismo que o narrador faz, determinado pela observação do fato exterior. Estão ligadas quaisquer imagens, episódios ou agudeza dá origem a organizada condição humana. E ainda, segundo Costa (2008, p.180) o desenvolvimento e a expansão da crônica permitem que hoje possamos encontrar diferentes textos e concluí-los em categorias, sempre instáveis, mas que visualizam melhor a riqueza desse subgênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, o foco dessa dissertação foi o de analisar e verificar, como a literatura pode contribuir de forma primordial e para o aprimoramento do indivíduo. A sociedade do Hospital São Julião, na época apresentava problemas, tanto psicológicos espirituais e físicos. Lino Villachá contribuiu para ambiente adequando de tratamento de uma doença estigmatizante como é a hanseníase.

Dado o exposto durante a pesquisa, não foi possível deixar de observar o porquê Lino Villachá se tornou o “poeta da esperança”, encontramos diversas afirmações em sua fortuna crítica. Os poemas, as poesias, as reflexões, as preces, as cartas e as crônicas, essas estão divididas e distribuídas em seus livros, que evidenciam como o poeta se tornou um ícone de esperança para os hansenianos do Hospital São Julião.

A literatura para Lino Villachá foi como uma companhia, uma confidente e uma fortaleza em meios às amarguras, tristezas e solidão em sua vivência no hospital. Por meio da escrita literária, registrou os avanços e acontecimentos do cotidiano, relatos de paciente que ali chegaram, viveram e de alguns que até morreram, esperando a cura para a tal enfermidade, escreveu também agradecendo sobre a ajuda que recebiam de pessoas religiosas, ONG's e autoridades.

Enviou mensagens de conforto, ânimo, felicitações, reflexões, assim como escreveu também, algumas situações desagradáveis, tais como o abandono por familiares, pelas autoridades governamentais da época, as despedidas e os falecimentos de alguns pacientes e até de pessoas íntimas do escritor.

A biografia que o poeta Lino Villachá nos deixou, nos mostra como a literatura pode fazer e fez a diferença na vida do autor, de pessoas e daquela sociedade. Embora, o escritor não considerava as suas obras como literárias e sim como textos livres, há em todas as suas produções elementos que podem ser consideradas literárias.

Sendo assim, a referida pesquisa, elenca diversos aspectos; a questão da natureza é visível em suas poesias e poemas, por meio das metáforas, já nas

crônicas, encontramos fortes traços de literatura memorialista, a religiosidade é uma constância, muito presente em suas reflexões poéticas e nas suas cartas devido à simplicidade de escrever aos seus destinatários, transmitindo alegria, vida e principalmente esperança, o fez uma pessoa muito mais que especial, para a sociedade do Hospital São Julião.

Com base nas análises realizadas durante a pesquisa, finaliza-se com o poeta Lino Villachá agraciado como “poeta da esperança”, é realmente jus devido ao fato de sentir na e sob a pele as dificuldades de ser portador da hanseníase e os textos literários reconhecidos, valorizados e principalmente divulgados como literatura e sul-mato-grossense.

REFERÊNCIAS

ABRHÃO, H. M. B. (Org.); **A Aventura Autobiográfica: teoria e prática.** EDIPUCRS. Porto Alegre. 2004.

ARAÚJO, H. H.; **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva.** Ed. Revista Letras. Curitiba. 2008.

BAKHTIN, M.; **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal.** 4ª ed. Martins Fontes. São Paulo. 2003.

BERGSON, H.; **Memória e vida.** Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Tradução de Claudia Berliner. Martins Fontes. São Paulo. 2006.

BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I.; COSTA, E.; GREGÓRIO, V. R. P.; KOERICH, A. M. E.; RIBAS; D. L.; **Hansenise: estigma e preconceito vivenciados por pacientes institucionalizados em Santa Catarina. (1940 – 1960)** Florianópolis 2008.

BOSI, A.; **O ser e o tempo da poesia.** Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1977.

BRANDÃO, V. M. A. T.; **Memória (auto) biográfica como prática de formação.** Revista @mbienteeducação, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: 02/07/17.

CANDIDO, A.; **A educação pela noite e outros ensaios.** Ática. São Paulo. 1987.

_____. **Literatura e cultura de 1900 a 1945.** In: **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** 7. ed. Nacional. São Paulo. 1967.

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** Ed. T.A Queiroz. São Paulo: 2000.

_____. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COMPAGNON, A.; **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** UFMG. Belo Horizonte. 1999.

COSTA, M. M. da; **Teoria da Literatura II.** Ed. IESDE. Curitiba. 2008.

COUTINHO, A.; **O regionalismo na prosa de ficção.** In: **A literatura no Brasil.** São José. Rio de Janeiro. 1955.

ELLIOT, T. S.; **The Use of Poetry and the Use of Criticism.** Faber & Faber. Londres. 1967.

FACINI, A.; **Literatura e sociedade.** JORGE Zahar Editores. Rio de Janeiro. 2004.

FRIEDRICH, H.; **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX e meados do século XX/Hugo.** Duas cidades. São Paulo. 1978.

LEJEUNE, P.; Noronha, J. M. G. (Orgs). **O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet.** UFMG. Belo Horizonte. 2008.

HALL, S.; **Identidades culturais na pós-modernidade.** EDUNISC. Santa Cruz do Sul. 2000.

HALBWACHS, M.; **Memória coletiva.** Vértice. São Paulo. 1990.

HOSPITAL SÃO JULIÃO. Disponível em http://www.sjuliao.org/br/est_op.htm acesso em 16 de março de 2017.

IZQUIERDO, I.; **Memória.** 2ª. Edição. Artmed. Porto Alegre. 2011

LEITE, D. M.; **O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia.** 6ª ed. Editora UNESP. São Paulo. 2002.

_____. **Velha praga? Regionalismo literário brasileiro.** In: PIZARRO, A. (Org.); América Latina – Palavra, Literatura e Cultura. V. 2. Memorial da América Latina. São Paulo. 1994.

LE GOFF, J. **Memória.** In: _____ **História e Memória.** Campinas. UNICAMP. 2003.

_____. G.; **A Teoria do Romance.** Coleção Espírito Crítico. Duas Cidades. Editora 34. São Paulo. 2000.

_____. G.; **Narrar ou descrever.** In: _____. **Ensaio sobre Literatura.** : Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1965.

MARCUSCHI, L. A.; **Gêneros textuais: o que são e como se constituem.** Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2000.

MARCUSCHI, L. A.; **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** Parábola Editorial. São Paulo. 2008.

MEDEIROS, A. M.; **Regionalismo: estudo literário, artístico, histórico e de crítica social.** 2015. Disponível em <http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/regionalismo-estudo-literario-artistico-historico-e-de-critica-social/>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

MOITA, M. C.; **Percursos de Formação e de Trans-Formação. As Vidas de Professores.** Parábola Editorial. Porto. 1995.

NAVA, P.; **Baú de ossos (Memórias/1)**. 7ª ed.. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1974.

NEGRÃO, E. **Memorial**. 2004. **Tese (Livre-docência)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004.

NORONHA, J. M. G.; LEJEÚNE, P. (Orgs.); **O pacto autobiográfico** – De Rousseau à Internet. UFMG. Belo Horizonte. 2008.

OLIVEIRA, Silvana. **O Terceiro Estado em Guimarães Rosa: a aventura do devir**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PAZ, O. **Signos de rotação**. Perspectiva. São Paulo. 1996.

PENA, F.; **Teoria da Biografia sem fim**. Editora Mauad. Rio de Janeiro. 2004

PESSOA, F.; **Obra poética**. Nova Aguilar. Rio de Janeiro. 2003.

PALO, de M. J.; **Formas de memória: um estudo sobre o autobiografismo**. 2009. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteraz/article/viewFile/12483/9055>. Acesso em 21 de maio 2018.

PIRES, H. A. C.; SOUZA, A. H. V.; COSTA, F. S. S.; **Memória e biografia: uma análise da vida de Drummond através de sua obra**. 2010. Disponível em http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Mem%C3%B3ria%20e%20Biografia_id.pdf. Acesso em 24 de dezembro de 2017.

POLLAK, M.; **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. 1992.

PORTO, P. C. P.; **Narrativas memorialísticas: memória e literatura**. Revista Contemporânea de Educação. Nº 12. 2011. Disponível em http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf.

RAMOS, R. P.; **Motivação no trabalho; abordagens técnicas**. 1990. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771990000200004 . Acesso em 9 de maio de 2018.

ROSA, Maria da Glória Sá.; **A Literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores** / Maria da Glória Sá Rosa, Albana Xavier Nogueira. – Campo Grande, MS, Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.

ROCHA. G. **Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense**. Campo Grande: Life Editora, 2010.

SANTOS, P. S. N. dos; **Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense**. Editora Seriema. Campo Grande - Mato Grosso do Sul. 2010.

TEZZA, C.; **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rocco. Rio de Janeiro. 2003.

THOMSON, A.; **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. Revista Projeto História nº 15 - Ética e História Oral. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. EDUC. São Paulo. 1997.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R.; **A construção narrativa da identidade**. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000100018. Acesso em 8 de maio de 2018.

VILLACHÁ, L.; **Uma Janela para os pássaros**. Campo Grande: Tipografia do Jornal do Comércio. 1986.

_____. **Luzes do Meu Caminho.** Editora Vozes. Petrópolis. 1979.

_____. **Aos Meus Amigos.** Editora Ruy Barbosa. Campo Grande. 1975.

_____. **Minhas Flores de Flamboyant.** Salesianas. São Paulo. 1991.

_____. **Conversando com Deus e os Amigos.** Gráfica e Editora Ruy Barbosa. Campo Grande. 1995.

VILARINHO, S.; **Carta pessoal.** 2018. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/redacao/carta-pessoal.htm> Acesso em 11 de julho de 2017.

ZAGURY, E.; **A escrita do eu.** Civilização Brasileira. Brasília. 1982.

ZILBERMAN, R.; **Teoria da literatura I.** IESDE Brasil. 2ª ed. Curitiba. 2012.

ANEXOS

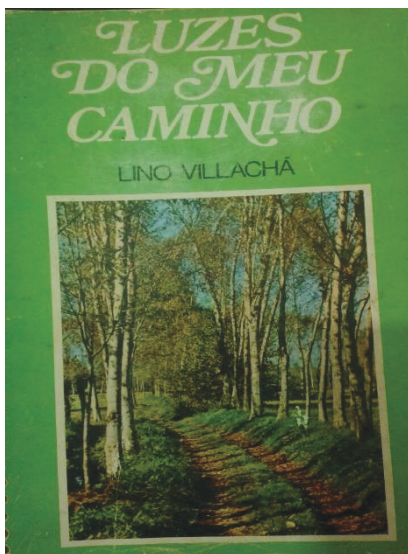


Lino Villachá deixou cinco obras todas produzidas no Hospital São Julião, o seu primeiro livro intitulado “*Aos meus Amigos*”, publicado em 1976, teve três edições em italiano com o título “*Amare é vivere*”. Neste livro, o autor mostra a sua fase intimista, em uma linguagem simplória, emotiva com prevalência, volumosas de reflexões e preces com mesmo vocativo.

Em continuidade a essa obra, encontra-se separado por:

- **Depoimentos:**
 - ✓ São Julião, ontem e hoje.
 - ✓ O parlatório.
- **Personagens:**
 - ✓ Giorgio.
 - ✓ Caríssima.
 - ✓ Ao Ferreirinha, com todo amor.
 - ✓ Tomba, o bugre.
 - ✓ A mulatinha do Aripuanã.
- **Prece:**
 - ✓ Senhor.
 - ✓ Senhor.
 - ✓ Senhor.

- ✓ Senhor.
- **Testemunho:**
- ✓ Quem sou eu.
- ✓ Era Maria.
- **Reflexão**
- ✓ Canção de amizade sincera.
- ✓ Oferenda pura.
- ✓ Canção do leproso.
- ✓ Amigo.
- ✓ Alma verde.
- ✓ É agosto outra vez...
- ✓ Quando nasci.
- ✓ IMeu prezado senhor.
- ✓ Felicidade.



Seu segundo livro retrata o sofrimento e a dura realidade vivida pelos hansenianos, são enfocados de forma emotiva na maioria das mensagens inseridas na obra, que tem por título "*Luzes do meu caminho*". Na qual o seu índice temático está assim contemplado.

- **Depoimentos:**
- ✓ E a face de Deus se volveu para nós resplandecente!...

➤ **Natureza:**

- ✓ A flor e o rio.
- ✓ A árvore do rio.

➤ **Personagens:**

- ✓ Degradados.
- ✓ Maria.

➤ **Prece:**

- ✓ Senhor.
- ✓ Prece das mãos leprosas que agradecem.
- ✓ Dá-me Tua mão, Jesus.
- ✓ Oração das nossas flores entre rochas.
- ✓ Reconhecimento.

➤ **Testemunho:**

- ✓ Não apodrecemos de todo
- ✓ Minha adorável vovó.

➤ **Reflexão**

- ✓ Canção dentro de mim
- ✓ Poço aberto.
- ✓ Natal, uma luz nos abismos do homem.
- ✓ Aos meus colegas deficientes.
- ✓ A criança que ficou em mim.
- ✓ Incomensurável.
- ✓ Expição.
- ✓ Ato de fé nos homens.
- ✓ Uma outra luz para os nossos olhos.
- ✓ Eu só queria um poema.
- ✓ O importante não é o que se perdeu, mas o que restou.
- ✓ Um olhar sobre o futuro.
- ✓ A mensagem de São Julião hoje.
- ✓ A grande viagem.
- ✓ Meu testemunho de fé.
- ✓ Mensagem aos jovens.



“Uma janela para os pássaros”, esse é o seu terceiro livro, a contundente trajetória de vida de Lino tem importantes depoimentos e testemunhos reveladores nesta edição de 1996. Em crônicas urbanas a obra mostra o resgate histórico de Campo Grande.

➤ **Depoimentos:**

- ✓ A vida no São Julião.
- ✓ Esporte Clube São Julião uma alegria compartilhada.
- ✓ Deixai vir a mim as crianças.
- ✓ Retrato de Campo Grande criança.

➤ **Natureza:**

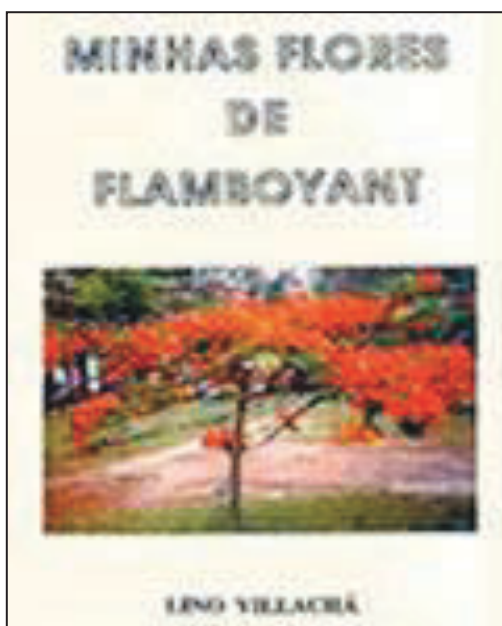
- ✓ Réquiem ao meu pássaro morto.
- ✓ A chuva e o menino.
- ✓ O desejo.

➤ **Personagens:**

- ✓ João Zumelho.
- ✓ Obrigado, doutor Oretes.
- ✓ Conversa ao pé do crepúsculo.
- ✓ Um Grande amor.

➤ **Testemunho:**

- ✓ Esse ele sou eu.
- ✓ Casa de tábuas.
- ✓ História de uma vida.
- ✓ Maria.
- ✓ O dia a dia
- ✓ Aos pés do São Francisco.
- **Reflexão**
- ✓ Eu quisera.
- ✓ Travessia.
- ✓ Tomara...
- ✓ Como um rio.
- ✓ Somos mais livres quanto mais livres para amar.
- ✓ Que seria das rosas se não fosse você.
- ✓ Encontro de maio.
- ✓ Apesar dos pesares.
- ✓ Gratidão.
- ✓ Sobre a vida moderna.
- ✓ Buscais e achardes.
- ✓ Não basta ver a Deus.



Em seu quarto livro Lino Villachá buscou sob a influência e inspiração da natureza, circundante do São Julião. O autor registra preces e reflexões nesta obra de 1991. O livro *“Minhas flores de flamboyant”*, é dedicado à sua companheira Zena Maria e a todos os que sofrem e necessitam de apoio e fé.

➤ **Depoimentos:**

- ✓ A história de casa da Morada do Sol.
- ✓ Um encontro agradável
- ✓ Os voluntários.
- ✓ Ambulância.

➤ **Natureza:**

- ✓ Flamboyants.
- ✓ Entardecer em São Julião.
- ✓ Vento norte.
- ✓ Crepúsculo.
- ✓ Visitante de longe.

➤ **Personagens:**

- ✓ Dona Nenê.
- ✓ Seu Boto.

➤ **Prece:**

- ✓ O claro e o escuro das pessoas.
- ✓ Trombeta da paz.
- ✓ Pelos famintos e miseráveis do mundo.
- ✓ Humildade, paz e fé.
- ✓ Pelos favelados.
- ✓ Oferenda.
- ✓ Agradecimento.
- ✓ Por minha mãe.
- ✓ Orações da velha árvore.

➤ **Testemunho:**

- ✓ A casinha que eu queria.
- ✓ Recordações da infância.
- ✓ Do lado de cá do silêncio.

➤ **Reflexão**

- ✓ Barca dos sonhos.
- ✓ Meu presépio.
- ✓ O tesouro escondido.
- ✓ Pássaros resplandecentes.
- ✓ Menino de rua.
- ✓ O velhinho solitário.
- ✓ Quem me der...
- ✓ Felicidade.
- ✓ Como um sonho.



No quinto e último livro, com o título “*Conversando com Deus e os amigos*” já podemos ter uma ideia de que é uma publicação póstuma do autor, pois revela inúmeras reflexões que antecederam a sua morte no ano de 1994. Além de preces significativas, a obra mostra uma constante volta ao passado, enfatizada na palavra infância inserida nos títulos dos testemunhos. O índice temático está composto desta forma:

➤ **Depoimentos:**

- ✓ Em alta madrugada no antigo São Julião.
- ✓ O homem calado.
- ✓ João Paulo.

- ✓ Santo Padre: caminhante da paz.
- ✓ Testemunho de um doente sobre a contribuição salesiana.
- ✓ O moço da fazenda Água Azul.
- ✓ Vovó Gabriela e os três meninos do Maranhão.
- ✓ Como eram maravilhosos aqueles rapazes!
- ✓ Aos visitantes do São Julião
- **Natureza:**
- ✓ O velho galo lá de casa.
- ✓ Meu pé de abacate.
- ✓ Xibiu.
- ✓ A velha árvore no caminho.
- **Personagens:**
- ✓ O caminho do sofrimento.
- ✓ Sales: o padre mágico.
- ✓ Manezinho.
- ✓ O Gaúcho.
- ✓ Tributo ao professor Manoel Sabino.
- ✓ Aos violões que silenciaram.
- ✓ O violeiro Piá.
- **Prece:**
- ✓ Angústia.
- ✓ Oração pela paz e tranquilidade.
- ✓ Oração do silêncio.
- ✓ Desabafo com Deus.
- **Testemunho:**
- ✓ Minha alegre e pobre infância.
- ✓ A antiga Terenos da minha infância.
- ✓ Lembranças de minha infância em Campo Grande.
- **Reflexão**
- ✓ Rosas branca da paz.
- ✓ A poesia.
- ✓ Caminho abandonado.

- ✓ Uma grande viagem.
- ✓ Meditação numa tarde triste.
- ✓ O grande barco de luzes azuis.
- ✓ Presente de aniversário à Zena.
- ✓ Para viver melhor.
- ✓ Para pensar e ser feliz.
- ✓ As mocinhas da cidade e do campo.
- ✓ Luta e vencerás.
- ✓ Esperança e aceitação.

Os escritos do poeta da esperança foram ao todo 315, entre poemas, crônicas, cartas e reflexões, mas todas com intuito de fortalecer por meio da fé e esperança daqueles que sentiram ou não na pele os efeitos da doença hanseníase.

Hospital São Julião: o espaço da criação poética.

O Hospital São Julião é uma unidade hospitalar que está localizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul na avenida Lino Villacha, 1250, com o cep n. ° 79017-200, conforme a imagem 1 em anexo:

Organograma do hospital São Julião é da seguinte forma:

- **Diretoria Administrativa**
- **Assessoria Jurídica**
- **Assessoria Administrativa**
- **Diretoria Clínica.**
- **Divisão Assistencial**
- **Divisão Operacional**

O Hospital está localizado a 15 quilômetros do centro de Campo Grande-MS, junto a nascentes de córregos, vegetações de cerrados e mata ciliar. As unidades estão em harmonia com os elementos da natureza, numa ambientação de placidez e beleza, a entrada da instituição é um convite para adentrarmos a um recinto, como mostra a imagem 2 no anexo:

Ao cruzarmos a entrada somos recebidos por “Eucaliptos”, unidos e fortes, postados no acesso ao São Julião, lembram as pessoas que acalentaram um sonho e o transformaram em realidade perseverando no “caminho da esperança”. No complexo arquitetônico há casas e pavilhões construídos na década de 1940, para sediar o então asilo-colônia que foram reformados e restaurados a partir de 1970.

Novas edificações estão implantadas em modernos conceitos de atendimento hospitalar.

História de Solidariedade

Centro de referência para o tratamento de hanseníase na América Latina, O Hospital São Julião dispõe de moderna estrutura física, com equipamentos de última geração que proporciona o que há de melhor e mais atualizado na terapêutica, prevenção e reabilitação da hanseníase e outras alterações dermatológicas (imagem 8). A Instituição também atende grande demanda ambulatorial, destacando-se como referência na área oftalmológica (figura 9). Sendo reconhecido pelo Ministério da Saúde pela assistência a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), recebendo prêmio de qualidade hospitalar na região centro-oeste.

O padrão de qualidade no atendimento é a marca do novo São Julião e resulta da solidariedade e do respeito à vida, por meio de inúmeros colaboradores e dos esforços do seu corpo clínico e equipe de saúde.

O Hospital São Julião tem sua origem num programa do Governo Federal que, em 1941 instalou 36 asilos-colônias para isolar pacientes portadores de hanseníase (Lepra). Nessa época prevalecia o medo e o preconceito. A doença extremamente estigmatizante afastava as pessoas do seu convívio familiar.

Portanto, já nos seus primeiros anos, o asilo-colônia foi relegado ao abandono. A situação dos pacientes era lastimável e as condições físicas deploráveis, semelhante a um depósito de doentes, apresentando um quadro desolador. Só então, a partir de 1969, voluntários italianos de Operação Mato Grosso passaram a trabalhar no antigo leprosário e participaram do processo de recuperação física e social do São Julião. Formou-se, então, uma associação com benfeitores para dirigir e manter as atividades hospitalar.

No São Julião, além da assistência à saúde, há um comprometimento com a integração e o bem-estar da comunidade interna e da externa. Sua estrutura operacional conta com as seguintes unidades:

UNIDADE DE APOIO

Na área educativa, a Escola Estadual Padre Franco Delpiano estabelece a integração social das comunidades do São Julião. O atendimento à educação infantil é feito por uma Creche destinada aos filhos de funcionários. No setor religioso o Hospital tem a Capela como ponto de referência e dispõe de locais para cultos evangélicos e de crença espírita. No lazer, a prática desportiva e outras atividades são oferecidas na quadra de esportes da instituição.

UNIDADE DE SUPORTE

Um programa de auto sustentação é desenvolvido no São Julião com atividades de agropecuária, produção de hortifrutigranjeiros, piscicultura e leiteria. Para auxiliar a rotina de atendimentos, o Hospital dispõe de serviços gerais no setor de transporte, oficinas, marcenaria, vigilância e almoxarifado.

UNIDADE ADMINISTRATIVA

Os diversos setores vinculados à administração do Hospital têm fluxos e comunicação compatíveis com as metas de eficiência da instituição. O Recanto dos Pinheiros, a Praça da Saudade e a Pousada do Bosque são pontos que circundam as edificações, implantadas em áreas com amplos jardins e mantas de vegetação nativa.

Lino Villachá, aos doze anos viu a sua família ser atingida pelo bacilo da hanseníase, e, junto com seus pais, três dos seus dos cinco irmãos passou a viver no confinamento. Seu encanto estava na lucidez e criatividade de suas obras, onde reportava ao seu cotidiano, revelando o que está ali significava. Em 1941, foi inaugurado e fazia parte de um grande projeto de Getúlio Vargas, como hospital-

modelo, havia se transformado numa cidade fantasma, abandonada à própria sorte. A antiga colônia passou às mãos de um grupo chamado hoje “Betinhos” em 1970 – que fundaram a Associação de Auxílio e Recuperação dos Hansenianos - A AARRH mudou totalmente aquele “depósito de doentes” como era chamado, no mais moderno hospital para o tratamento da hanseníase do país.

Em um processo de evolução, Lino embarca nisto e desde a primeira hora, ocupou o cargo de secretário interno, responsabilizando-se por estatísticas, relatórios, fichas, etc., fundou uma liga esportiva e organizou campeonatos de futebol, comemorações, ensinou, aprendeu, viveu intensamente. Nas décadas de 50 e 60 tinham pouco a oferecer para os hansenianos: remédios, quase não havia a doença mesma milenar ainda pouco conhecida. Existia sim, muito medo e o confinamento (por lei) nos leprosários. Mas, como diz o Evangelho: “Lino crescia em graça e sabedoria”, em contrapartida, seu corpo sofria os ataques violentos do bacilo. Teve que amputar uma perna, depois a outra, as mãos se atrofiaram, os movimentos ficaram cada vez mais limitados, os rins já não conseguiam filtrar quarenta anos de remédios cirurgias. Só que ele seguia em frente, forte, lúcido, criativo e sempre agitador.

Amarrava um lápis nas mãos em garra e datilografava poemas, entrevistas, crônicas saudações aos amigos e autoridades, logo depois para o computador. Conquistou o respeito e admiração de todos quantos puderam conhecê-lo pessoalmente e ao seu trabalho, quando diretor da escola. Casou-se com Zena Maria em 1987 e dela teve amor e dedicação até o seu último momento, ela foi seu anjo da guarda que ficou. Foi enterrado no Hospital em 11 de julho de 1995 às 11 horas, ao lado de muitas árvores, como pediu, num texto escrito. A obra LINO PARA SEMPRE, reúne uma expressiva seleção de crônicas e poesias contidas em cinco livros publicados no período de 1976 a 1995. A coletânea retrata a comovente figura de Lino Villachá, por meio de mensagens com diversidade temática em testemunhos de vida que proporcionam enlevo e emoção ao leitor.

Figura 1 – Visão área do Hospital São Julião.



Figura 2 – Localização no mapa do Hospital São Julião.

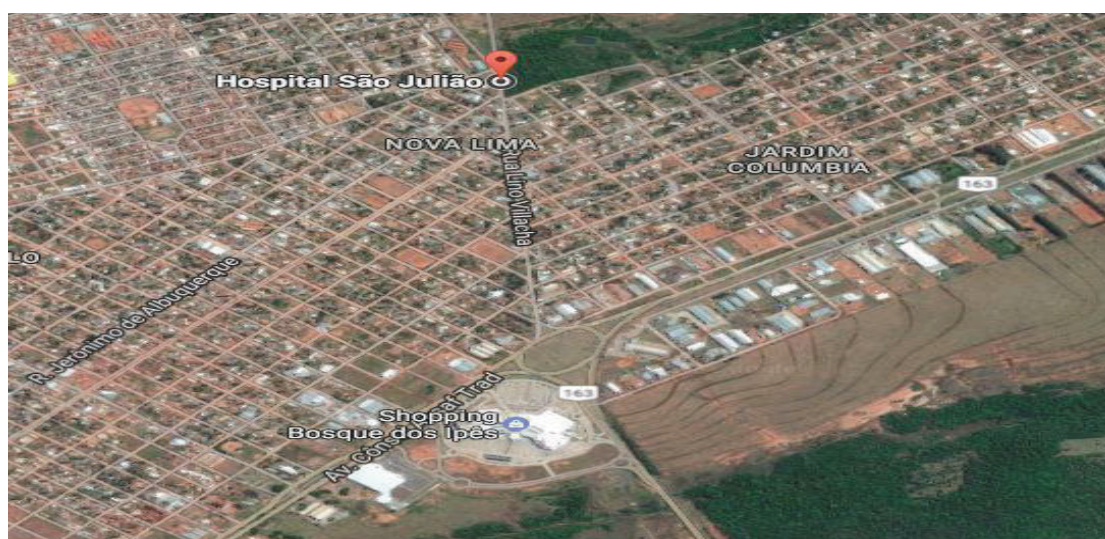


Figura 3 – Entrada do Hospital.



Figura 4 – Ruas arborizadas em consonância com a natureza.



Figura 5 – Eucaliptos.



Figura 6 – Casas e Pavilhões.



Figura 7 – Igreja.



Figura 8 - Atendimento Oftalmológico pelo SUS.



Figura 10 – Padrão de Atendimento.



Figura 11 – Doença estigmatizante.



Figura 12 – Voluntários.



Figura 13 – O abando.

